

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E





aild.pt



p/ 06 e 07.

Primeira delegação da AILD França
Internacionalização

p/ 08.

AILD - Associado do mês
Andrea Fabrízia Dias

p/ 12.

Grande Entrevista
Carlos Gonçalves, deputado do PSD eleito pelo círculo da Europa

N E S T A E D I Ç ã O

p/ 28.

Conselho das Comunidades Portuguesas
Os Encontros das Comunidades do Cone Sul. Por António da Graça

p/ 40.

Literatura portuguesa
Legado de Pessoa em Casa renovada. Por Clara Riso

p/ 62.

Legal. Por Neide Duarte Pereira - Abreu Advogados
A obtenção de nacionalidade por via da ascendência Portuguesa

Obra de capa

Título: Mbiji Ya Kalunga

Mbiji Ya Kalunga, um conto sobre
4 peixes da Baía de Luanda

Dimensões: 35 x 27

Técnica: Acrílico caneta s/papel

Descrição da obra:

Esta é a história de quatro amigos peixes que escolheram a baía de Luanda para passar as férias merecidas, com direito a várias acrobacias durante os dias de sol ardente, quando a água ficava mais quentinha. Porém a verdade pura e crua, não eram férias. Estavam escondidos. Os peixinhos divertiam-se durante o dia, mas viviam o drama de ter perdido todos os seus parentes do cardume que tinha milhares e milhares de amigos, que se davam ao luxo de ter o Atlântico sul todo ao seu dispor para correr, brincar, saltar, ensaiar pinos acrobáticos, enfim um oceano de liberdade, que durou pouco tempo.

“Éramos felizes e não sabíamos”.

Vivíamos em plena liberdade.

O mar não tinha canto. Era todo nosso.

Agora o Atlântico é apenas nosso cântico de sobrevivência.

Erika Jâmece

obrasdecapa@descendencias.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** António Manuel Monteiro, Alfredo Stoffel, Branca Célia Dias, Cristina Passas, Diana Correia, Flávio Alves Martins, João Costa, Georgina Leal, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, José Martinho, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Pedro Guerreiro, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sonia Coelho, Tiago Sabarigo, Tiago Robalo, Vitor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E : publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é res-

ponsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º n.º2, i) e j), artigo 75º n.º2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo** ERC 127522 | **Edição** 10 outubro 2021, GRATUITA

Editorial

Caros Leitores

A Descendências é muito mais do que uma revista. Somos um espaço cuja a missão é enaltecer o melhor que há em português, na sua língua e na sua cultura, cá dentro e além-fronteiras. Somos o espírito do português marinho, ganhando forma e voz no mundo digital, para recordar o que faz de nós um dos melhores países do mundo, sem esquecer a margem e o potencial que temos para crescer e melhorar em diversos âmbitos. Somos a voz dos inauditos, dos empreendedores e também daqueles que escolheram a nossa língua e o nosso país para fazerem crescer as raízes dos seus corações.

Na Descendências, promovemos artistas e empreendedores, líderes de opinião e figuras em ascensão, o português de origem e aquele que faz da língua e da herança uma fonte de reconhecimento internacional.

E nos dias de hoje, quando olhamos para os dados estatísticos relativos a imensa variedade de setores (económico, migratório, social, saúde, empreendedorismo, inovação tecnológica) cada vez mais fazem sentido as palavras de Tomás Ribeiro quando se referia a Portugal como “Jardim da Europa à beira-mar plantado”.

Graças aos esforços, diligências e sentido cívico de todos os cidadãos e residentes no nosso país

chegamos ao Outono com avanços na vacinação e controlo da pandemia, que poucos países no mundo conseguiram igualar. Vimos um verão com mais turismo de fora e para fora – por comparação ao mês passado – como também vamos assistindo a um cauteloso, mas estável retorno a uma relativa normalidade.

A cada semana que passa encontramos de novo a esperança de termos o nosso mundo de volta. Sem dúvida um mundo diferente de como o deixámos antes da pandemia, mas também com promessas de mais empatia, desenvolvimento tecnológico e determinação em trabalhar em conjunto para o bem de todos.

A par da Descendências, a AILD (Associação Internacional dos Lusodescendentes), vai crescendo e criando raízes noutros países. Depois da abertura da delegação da AILD em França no mês de Setembro, este mês teremos a inauguração da delegação da AILD UK.

O fim deste ano está, praticamente, ao virar da esquina e muitos de nós aguardam com expectativa e esperança. Por isso esta edição é dedicada a este sentimento sobejamente subvalorizado. Uma edição que enaltece a importância do compromisso, da promessa e da esperança no cumprimento das metas a que nos dispomos. Boas leituras!



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

| A I L D

França

A primeira Delegação da AILD

A Associação Internacional dos Lusodescendentes – AILD, no dia 23 de Setembro, abriu a sua primeira delegação em França, cujo critério foi o facto de ser onde se localiza a maior comunidade portuguesa no mundo.

A abertura e tomada de posse desta primeira delegação da AILD em França, teve lugar no Consulado Geral de Portugal em Paris, num espaço simbolicamente bem português, onde o Cônsul Geral de Portugal em Paris, Dr. Carlos Oliveira, nos recebeu muito bem, vincando que “as portas do consulado estarão abertas à AILD para desenvolver as nossas atividades”, tendo ficado muito agradado com os desafios e projetos apresentados.

Aliás, é esta relação de parceria e cooperação institucional que a AILD defende, e que só pode acrescentar e dar frutos, como estamos certos que a delegação da AILD França será um enorme sucesso para a comunidade portuguesa naquele país, mas também, para as

demais comunidades portuguesas, enquanto cidadãos do mundo.

Como não podia deixar de ser, a AILD-mãe, sediada em Lisboa, fez-se representar, neste momento especial da abertura da primeira delegação, pelo seu presidente da direção, Philippe Fernandes, que na sua intervenção apresentou as linhas mestras da criação das delegações da AILD, mas sobretudo, manifestou uma enorme confiança na equipa que tomou posse, nomeadamente: Leocádia Dias, Diretora Geral; Nuno Gomes Garcia, Presidente do Conselho Cultural; Ana Rita Furtado, Presidente Conselho Científico; Andrea Dias, Relações Internacionais; Valentim Morgado, Presidente Conselho Ação Social; Sara Novais Nogueira, Diretora Conselho Cultural e Clara Domingues, Diretora Conselho Cultural.

A criação desta delegação e de outras que se vão seguir, tem por objetivo servir de ponte para as diferentes comunidades portuguesas nos

vários países, pois, temos portugueses espalhados pelos quatro cantos do mundo, mas sentimos que não existe o espírito de cidadão do Mundo.

Portugal não tem tirado o maior proveito da nossa presença no Mundo, não tem existido uma verdadeira interação entre comunidades, e estas com Portugal. Estas delegações permitirão, precisamente, facilitar esse contacto e mobilidade entre comunidades, tendo previstas mais aberturas noutros países até final de 2021.

Importa referir que chegar até aqui e num espaço de um ano e meio, com uma pandemia pelo caminho, não foi um percurso fácil, mas que valeu a pena, pois, foi possível somar várias vitórias, alcançar vários objetivos, agarrar grandes desafios e sobretudo, somar cada vez mais colaboradores, parceiros e pessoas que têm ajudado a AILD nesta caminhada e neste percurso que tem sido extraordinário.

No dia 23 de setembro, tive o gosto de me deslocar ao Consulado de Portugal em Paris para oficializar a constituição da delegação de França da AILD.

Voltar ao país onde nasci deixa-me sempre feliz mas por outro lado também nostálgico, no entanto este dia foi particularmente feliz, não só por conhecer os elementos da nova delegação, mas também por termos tido a presença do Exmo. Senhor Dr. Carlos de Macedo Oliveira – Cônsul-Geral de Portugal, que muito nos honrou e que presidiu ao evento. As palavras que partilhou connosco no início do evento, descreveram muito bem a essência da AILD e que nos esforçamos a cada momento por pôr em prática. As suas palavras são a confirmação de que vamos

no bom caminho e são um grande estímulo e apoio para todos nós. Não posso esquecer o desafio que lançou à AILD, de representar os lusodescendentes de todas as comunidades portuguesas, pois as realidades de cada uma delas são bastantes diferentes. Por essa razão a AILD vai aceitar o desafio, estabelecendo como prioridade abrir uma delegação em cada continente.

Não posso deixar de mencionar o acolhimento generoso e a presença do Exmo. Senhor Dr. Filipe Ramalho Ortigão, – Cônsul-geral Adjunto de Portugal em Paris, bem como a presença amável do Exmo. Senhor Dr. Álvaro Ribeiro Esteves, em representação de Sua Excelência o embaixador, Dr. Jorge Torres Pereira.

| A I L D

Internacionalização

O meu contacto com os lusodescendentes permitiu-me perceber que os consulados em França debatem-se com uma redução significativa dos seus recursos humanos, dificultando o trabalho que o Consulado tem que realizar e por conseguinte, a comunidade portuguesa ressent-se das consequências dessa situação.

Portugal não se reduz ao continente, mas é também os seus arquipélagos, juntamente com as várias comunidades portuguesas espalhadas por esse Mundo fora. Portugal é muito mais do que o seu espaço geográfico. As decisões políticas e das entidades nacionais têm que também refletir essa

realidade, pelo menos assim espero embora muitas vezes tenhamos a impressão de que isso não acontece. Tomemos como exemplo a voluntariosa e bem-intencionada campanha da Federação Portuguesa de Futebol, que pôs a circular um autocarro no Europeu de França, dizendo que a Seleção portuguesa era apoiada por 11 milhões de portugueses, esquecendo-se por completo dos largos milhões de portugueses e lusodescendentes que marcavam presença constante a apoiar a seleção portuguesa.

A AILD quer contribuir para mudar este paradigma e ajudar a construir uma só comunidade.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

A I L D

Andrea Fabrízia Dias

Idade: 46 anos

País de nascimento:

Portugal

País onde reside:

França



© Sara Costa

Formada em Direito pela FDUC em Coimbra, exerceu a advocacia nas comarcas de Caldas da Rainha e Nazaré. Passou pela linda cidade da Figueira da Foz onde trabalhou no primeiro serviço de Finanças, mesmo ao lado do casino.

Seguiram-se 10 anos em áreas comerciais, nos mais variados setores, que começou na UCI, multinacional parabancária orientada para o mercado imobiliário, que lhe abriu a porta à experiência seguinte, de Direcção comercial na Era da baixa de Coimbra, onde, para além de vendas e negociação, aprofundou as competências de recrutamento e “management”.



© Sara Costa

O que faz profissionalmente?

O facto de ter diversificado a minha actividade para além do Direito alargou o meu campo de possibilidades, no que diz respeito às experiências de trabalho em França, trabalhando sempre em áreas comerciais, de entre as quais as mais marcantes foram a Companhia de Seguros Fidelidade França e a criação da LINEAR Pub, empresa que criei com o Director do Lusojornal, o maior jornal lusófono português em França. A Linear Pub foi a atividade que mais sofreu o impacto da pandemia.

Atualmente estou a trabalhar num gabinete francês especializado em gestão de condomínios, atividade multifacetada com uma forte componente jurídica, comercial e de gestão de conflitos, área na qual tive formação específica com o melhor de todos, o Professor Doutor Juan Carlos Vezzulla.

Porquê ir viver para Paris?

Porque a crise do “subprime” deixou o mercado português esgotado de soluções e, como sempre me senti europeia, encontrei em Paris o apoio necessário e a inspiração de que precisava para avançar.

Como foi essa adaptação?

Foi muito boa. Só faltou o “rock-and-roll” que por todo o lado se ouve em Coimbra e que tanta falta me faz aqui, mas adaptei-me muito bem. Tive a sorte de ter uma família atenta e amigos sólidos.

Desafios e projetos para 2021?

Estou sempre aberta a novos desafios, quero fazer sempre mais e melhor! A curto prazo, solidificar esta nova experiência profissional e contribuir para o crescimento da rede AILD.

O que mais gosta em Portugal?

Do sorriso acolhedor das pessoas, de passear na Alta de Coimbra e de por lá ouvir boa música. De almoçar no Sítio da Nazaré, de ir ao Sardinha a Peniche. De passear pela parte velha do Porto, ou no Chiado em Lisboa. De comer robalo escalado grelhado, enquanto sinto o cheiro a maresia...

Do abraço reconfortante dos pais e do irmão. Dos bigodes das minhas gatas. E dos Amigos, ah dos amigos, que



© Sara Costa

já não vejo há tanto tempo porque a pandemia nos obrigou a reforçar cuidados para proteger os nossos.

O que menos gosta?

Das desigualdades, do nepotismo, do facto de ainda existirem saudosismos pirosos de quem não sabe história ou não tem memória.

Porque se tornou associada da AILD?

Através do Lusojornal, conheci a Descendências, que depois me apresentou a AILD. A Descendências surpreendeu-me pela sua sobriedade, rigor e estética. Identifiquei-me com a escolha dos conteúdos e sobretudo com o facto de transmitir uma imagem credível da comunidade lusófona. Daí à AILD foi um passo... Os seus valores universais, laicos, apartidários, o sentido de serviço, difundindo o que de melhor se faz no seio da nossa comunidade, e a possibilidade de dar voz aos luso-descendentes, colocando ao seu dispor uma rede de contactos que os poderá levar ainda mais além... A AILD projecta a imagem moderna e futurista da marca lusa com que me identifico.

Quais os projetos que pretende desenvolver na AILD?

Enquanto Directora das Relações Internacionais cabe-me desenvolver a rede dos associados e contribuir para a abertu-

tura de delegações AILD por todo o mundo. Evidentemente que, o facto de viver em Paris e de estar próxima da Delegação da AILD França me levará a participar nas actividades desenvolvidas por esta delegação.

Inevitável no momento que estamos a atravessar perguntar-lhe como está a “sobreviver” a esta pandemia? Que impacto está a ter na sua vida?

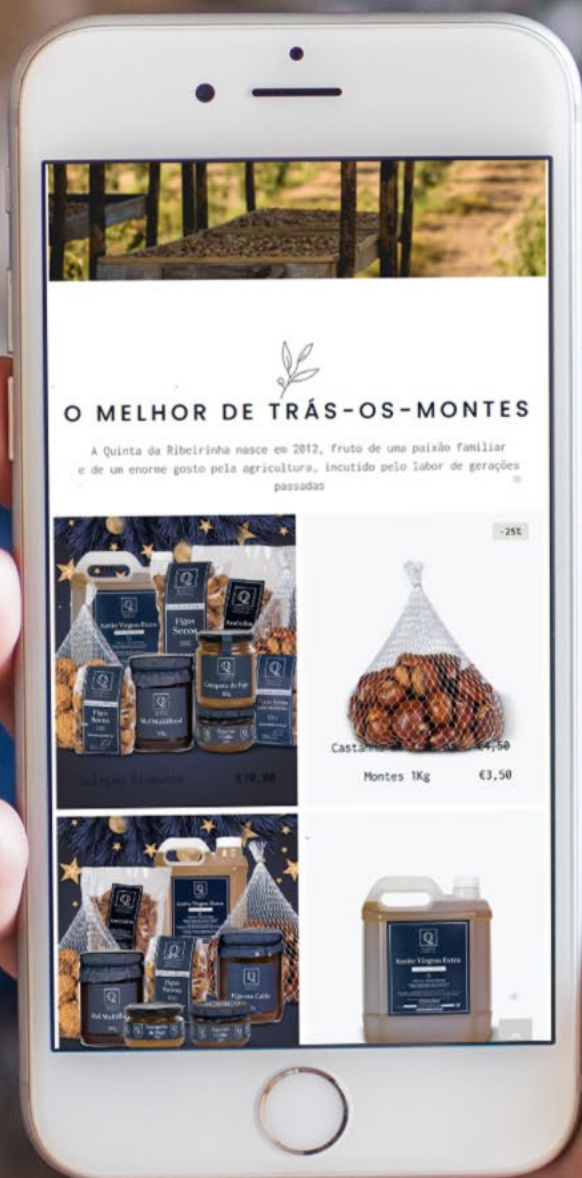
Profissionalmente senti o impacto da pandemia que inviabilizou a atividade da Linear Pub o que me levou a, mais uma vez, adaptar o meu percurso profissional e a procurar outras soluções...

A nível pessoal, sinto-me privilegiada, já que os meus estão todos bem. O primeiro confinamento trouxe-me mesmo um sentimento poético e melancólico de estarmos a viver uma crise a nível planetário. Houve muito de assustador, mas também de poético e agregador da população mundial. A nível global, estamos gradualmente a recuperar a normalidade e isso é motivo de esperança para todos.

Uma mensagem para as Comunidades Portuguesas.

Como mensagem para as Comunidades Portuguesas, poderia dizer que devemos orgulhar-nos de nós, do nosso país e procurar, em cada momento, divulgar e difundir o que de melhor se faz em Portugal e pelos portugueses, por esse mundo fora.

Q U I N T A D A R I B E I R I N H A . P T





GRANDE ENTREVISTA

DEPUTADO PELA EMIGRAÇÃO

CARLOS GONÇALVES

Carlos Alberto Silva Gonçalves, 60 anos, deputado e político português, pelo Partido Social Democrata (PSD), licenciado em Geografia. Está ligado aos Assuntos Europeus, aos Negócios Estrangeiros e Comunidades Portuguesas e à Defesa Nacional. Profissionalmente, desempenha o cargo de Técnico de Serviço Social e Cultural. Atualmente desempenha alguns cargos políticos, é Vice-Presidente da Comissão de Negócios Estrangeiros, Membro das Comissões de Assuntos Europeus e da Defesa Nacional, Presidente da Sub-Comissão da Educação, Juventude e Desporto do Conselho da Europa e Presidente do Grupo Parlamentar de Amizade Portugal França. Recebeu a condecoração de “Chevalier de la Légion d’Honneur” – França, da Grã-cruz da Ordem de Mérito do Grão Duado do Luxemburgo e a Medalha de Mérito das Comunidades Portuguesas.



© Joana Silva

Carlos Alberto Silva Gonçalves, é Deputado da Assembleia da República eleito pelo círculo da Europa desde a IX Legislatura, ex. Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas e, Técnico de Serviço Social e Cultural, de profissão. Quem é afinal o cidadão Carlos Gonçalves? O que gosta de fazer para além da política?

Toda a minha vida, e até por razões familiares, não estive só envolvido na política, mesmo enquanto estudante sem-

pre estive envolvido no militantismo a vários níveis, e, portanto, a minha vida, independente dos meus hobbies teve sempre um fio condutor de tentar servir. Quem me conhece diz que existem dois Carlos Gonçalves, um que normalmente as pessoas conhecem e depois o outro com uma vida completamente diferente. Tenho um grande interesse pela cultura, muito particularmente pela música, interesse-me muito pelo desporto, e ao fim de muitos anos de estar na área da política externa como Membro da Assembleia Par-





lamentar do Conselho da Europa comecei a trabalhar uma área nova que é a educação e desporto e consegui ser eleito Presidente da Sub - Comissão da Educação e Desporto do Conselho da Europa. Fora o trabalho, existe um conjunto de atividades que desempenho na minha vida particular, que tem a haver com o meu território de origem e com a minha área de formação: sou geógrafo de formação e normalmente no meu círculo de amigos mais próximo tenho muitas pessoas que estudaram comigo e temos um conjunto de iniciativas muito associadas ao meio natural e ambiente e que eu normalmente não trago para a vida política.

Emigrante em França, licenciado em geografia pela Universidade de Paris, como surgiu a aventura política na sua vida? Ser deputado oriundo das Comunidades Portuguesas era um objetivo?

Eu sempre estive envolvido em várias iniciativas, e nunca estive há espera que as coisas acontecessem. Entrei para o PSD em 1982, sou militante de uma única secção que é o PSD Paris e o meu objetivo nunca foi fazer política ativa, mas acabei por ser eleito Presidente do PSD em Paris.

Na prática, em que consiste o trabalho (desafio e missão), de um deputado, no seu caso eleito pelo Círculo da Europa? Como é o seu dia a dia?

O meu dia a dia é praticamente semana a semana, estou aqui no Parlamento de terça a sexta feira, dia em que costumo ir para casa (França), e muitas vezes quando já estou em França, costumo visitar pessoas do meu círculo eleitoral. É algo que é cansativo, mas é preciso ouvir as pessoas, tenho muitas reuniões de trabalho ligadas ao meu partido, costumo envolver-me muito na política onde as comunidades vivem, e normalmente tento sensibilizar a comunidade e as forças políticas para a

importância da mesma. Para mim é um fator decisivo para as comunidades nesses países, nomeadamente nos países da União Europeia, onde os portugueses têm oportunidade de votar e ser candidatos a uma grande parte das eleições. Não é uma vida fácil, mas eu costumo dizer uma coisa “um deputado da assembleia da república exerce uma das funções mais nobres que existe”. Poder representar os outros, uma democracia representativa, ter a possibilidade de ter uma independência, independentemente das disciplinas partidárias ter uma independência que poucos cargos políticos têm e servir as pessoas do seu círculo eleitoral e os nossos é uma função nobre e para mim uma honra muito grande. Não me posso queixar que isto é cansativo, cada deputado sabe ao que vem e se eu sentir que já não tenho condições de saúde, ou por outra razão, de poder continuar a exercer as funções como deveria exercer, então como é evidente o lugar nunca ficaria vago.

A função de deputado, sendo claramente um serviço de missão, e no caso de deputado pelo círculo da emigração, obriga-o a viajar muito, por forma a ter contacto com as comunidades portuguesas, como consegue conciliar vida pessoal e familiar?

Os meus filhos agora já são adultos, mas durante muitos anos foi extremamente complicado. Tentei sempre ir todos os fins de semana a casa, independentemente de onde estivesse, todas as segundas feiras tentava levá-los e buscá-los à escola e ao fim de semana levá-los às atividades desportivas. Dentro daquilo que era a minha possibilidade tentava estar sempre presente e cheguei a perder aviões por causa disso, mas fiz esse esforço durante muitos anos porque a política tem esse problema de nos esquecermos da família. Costumo dizer que ninguém consegue ser bom político se não conseguirmos ter uma harmonia familiar.



© Joana Silva

No fundo é a vida de muitos emigrantes que estão sempre de lá para cá e têm uma vida muito parecida com a minha. Foi uma escolha que eu fiz, agora são adultos, mas apesar de tudo são eles que julgam, mas pelo que sinto o saldo é positivo.

Verifica-se hoje uma nova tendência por parte das Comunidades Portuguesas, muitos portugueses a regressar a Portugal. Na sua perspetiva a que se deve este novo fenómeno? Desacreditar no país de acolhimento ou acreditar no país afetivo e das suas raízes – Portugal?

Eu não tenho essa ideia, e não corresponde à verdadeira essência. Isso corresponde a uma narrativa política que se pretende criar, mas infelizmente não é a realidade porque estamos a falar em emigrantes que já vão nas quartas e quintas gerações às vezes. Não falamos em voltar a Portugal porque essas pessoas já não são emigrantes. Os meus

filhos nasceram em França, portanto já não podemos falar que são emigrantes é o país onde vivem e onde fizeram a sua formação académica. E estas pessoas, de segundas, terceiras e quartas gerações como é evidente, o regresso a Portugal poderá até ser feito com investimento no plano profissional, mas não há essa tendência. A regra geral daqueles que voltam é de um ou outro jovem que emigra e a coisa não corre bem e de alguns estudantes que regressam da sua formação académica lá fora. Na primeira geração de emigrantes toda a gente quer regressar, o problema é quando se constitui família, o regresso fica complicado. A narrativa verdadeira é que as pessoas continuam a emigrar, até aqueles que têm maior nível académico porque não há oportunidades de âmbito profissional, sobretudo na área da investigação onde não há comparação possível entre a oferta que é dada por outros países àqueles que querem fazer investigação em Portugal.



© Joana Silva

A participação cívica e política dos portugueses residentes no estrangeiro é um processo que tem vindo a evoluir, assistindo-se hoje por exemplo a uma rede de eleitos bastante significativa, de políticos de origem portuguesa, mas também académicos, artistas, empresários. Considera que Portugal tem quase ignorado esta realidade, não dando o devido reconhecimento da sua importância para a afirmação de Portugal no Mundo?

Temos de separar em primeiro lugar os políticos. Realmente o que é feito relativamente aos políticos lusodescendentes é zero. Nós não temos desde 2015 nenhuma iniciativa virada para os lusodescendentes, quando bem ou mal, tivemos durante vários anos, governos com iniciativas viradas para esses políticos. A dimensão da representação política das nossas comunidades nas instituições e órgãos políticos dos países de acolhimento, ganhou em alguns países uma expressão inacreditável, por exemplo em França devemos

ter muito perto dos 10.000 portugueses que exercem cargos políticos nos municípios.

Inevitável não falar na pandemia! Que transformações a pandemia trouxe às Comunidades Portuguesas?

Desde logo como qualquer cidadão: a vida completamente alterada. E aí, seja em Portugal, França ou Brasil todos nós vivemos uma situação extremamente complicada, os próprios decisores políticos numa primeira fase tiveram que reagir e que nem se sabia muito bem como se poderia reagir, depois numa tentativa de controlar e depois numa terceira fase encontrar formas de superar esta epidemia que foi um enorme desafio para todos. Recordo-me nos primeiros tempos estavam portugueses das comunidades a falecer por covid ou por outra doença qualquer, e os corpos muitos deles não conseguiram muitas vezes serem trasladados para Portugal, em que não foi feito funeral, situações



© Joana Silva

dramáticas, porque também as suas famílias em Portugal não tinham capacidade para ajudar. Depois foi também muito complicado para alguns territórios em Portugal, em que as comunidades aqui no estrangeiro são investidoras e têm uma quota muito importante no seu desenvolvimento e durante estes tempos o investimento diminuiu. Para não falar das tradições e das festas que nada teve lugar durante este período, que fez falta nos territórios em Portugal e fez falta para os emigrantes. Portugal tem uma identidade forte e consegue manter uma relação afetiva às segundas, terceiras e quartas gerações. Houve aqui um corte abrupto.

Que dificuldades tem sentido nestes tempos de pandemia no exercício das suas funções enquanto deputado pelo Círculo da Europa?

Não havendo iniciativas das comunidades não foi possível lá chegar. Uma das dificuldades foi ficar um mês e meio

em casa com trabalhos feitos à distância e havia muito poucas reuniões plenárias. Durante os primeiros meses tive o trabalho de tentar resolver problemas, nomeadamente os consulares portugueses fechados, sem capacidade de resposta e na tentativa de ajudar as pessoas e com a colaboração de muita gente de autarcas, em Portugal, em França e autarcas de origem portuguesa em França, mas também na Alemanha, no sentido de resolver muitas questões de âmbito individual relacionadas com pessoas que estavam com dificuldades devido à pandemia. O trabalho parlamentar não só dos deputados da emigração foi alterado porque o contacto com o eleitorado diminuiu de forma gradual, mas durante algum tempo, o país esteve virado para questões relacionadas com a pandemia, o que fez com que orientássemos muitas vezes as nossas preocupações e prioridades para esse tema. Portugal e a Europa desde a Segunda Guerra Mundial que não tinham uma situação tão difícil de gerir como esta.



© Joana Silva

O que se passou com a pandemia deve fazer-nos a todos refletir sobre um conjunto de matérias, que tem a haver com a capacidade de no plano europeu trabalharmos em conjunto e ter uma autossuficiência sanitária para combater estes problemas e não estarmos dependentes de outros mercados.

O movimento associativo das Comunidades Portuguesas foi igualmente uma das áreas muito afetadas com a pandemia, levando muitas associações a fechar portas. Como se trata neste momento esta situação?

O movimento associativo é essencial. O movimento associativo tradicional, foi muito importante para todos os portugueses principalmente para a sua integração e hoje é o principal ator cultural e um complemento muito importante na divulgação da língua portuguesa. Portugal tem de estar grato ao movimento associativo da diáspora que fez

um trabalho excecional. A pandemia quebrou o plano de atividades de algumas associações que subsistiam na base dos eventos que organizavam e acabaram por ficar numa situação dramática sendo que várias infelizmente encerraram. Outras continuam abertas, mas funcionam com menos valências.

Sendo a aprendizagem da língua portuguesa para as nossas comunidades emigrantes, um elemento de ligação a Portugal, além do bilinguismo significar uma enorme vantagem, quer em termos de percurso académico, quer em termos de inserção no mercado de trabalho, considera que a rede do EPE e as políticas de promoção do ensino de português no estrangeiro estão a cumprir bem o seu papel e os objetivos preconizados?

Aquilo que eu acho é que continuamos a ter uma rede de ensino de português no estrangeiro igual ao que existia à



© Joana Silva

muitos anos atrás. Em alguns países ainda nem sequer se adaptou à nova realidade. Ainda não se adaptou a oferta à procura. Depois temos o problema do estatuto da língua nomeadamente no Círculo Eleitoral da Europa, onde dois grandes países a França e o Luxemburgo perderam esse estatuto. Temos que reforçar o ensino do português integrado nos cursos oficiais locais.

O Conselho das Comunidades Portuguesas enquanto órgão de proximidade, face ao conhecimento da verdadeira realidade local por parte dos conselheiros, não considera ser

demasiado redutor ser um órgão de exclusiva consulta do Governo e de colaboração com a Assembleia da República?

Há uns anos atrás propus que houvesse a possibilidade do Conselho das Comunidades ficasse na dependência da Assembleia da República. Na altura só tive dois Conselheiros que me apoiaram. O Conselho das Comunidades Portuguesas percebe que o facto de ser só conselheiro consultivo do governo lhe reduz capacidade de intervenção. Os Conselheiros estão a tentar garantir que a função que exercem seja reconhecida. Os Conselhos das Comunidades são fun-



© Joana Silva

damentais para quem exerce cargos de deputado da Assembleia da República, de Presidente de Câmara, daqueles que querem tomar decisões sobre investimentos em Portugal, sobre a língua, a cultura, o apoio social, todo o movimento associativo, por isso deve ser uma entidade que deve ter capacidade de intervir. As novas tecnologias estão a permitir um maior trabalho de colaboração.

Na última década muito se tem falado da diplomacia económica, da internacionalização das empresas portuguesas, do aumento das exportações e da extraordinária importância das Comunidades Portuguesas para a dinâmica e desenvolvimento económico de Portugal. Considera que as ações, políticas e iniciativas, como por exemplo os “Encontros de Investidores da Diáspora”, que têm sido desenvolvidas

pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, são a tomada de consciência desta realidade e importância vital, e a vontade do Governo em potenciar esta vertente, ou é simplesmente mera operação de cosmética e propaganda política?

Talvez as duas coisas ao mesmo tempo. Durante muitos anos houve encontros de empresários que eram focados com determinados objetivos. Juntar cerca de 200 empresários numa sala a jantar ou a falar pode ser interessante, mas não existe o foco no verdadeiro objetivo e o tempo é curto. E desde o ano passado, a ideia era juntar 200 empresários sobre uma área específica e procurar interação e experiência na relação com Portugal e investimento. Em termos práticos não me parece ser a melhor forma porque os empresários têm sempre algum interesse por detrás, eles



© Joana Silva

têm de sentir que este tipo de iniciativas os valoriza a eles próprios, mas também que valoriza a relação económica com o país de origem. E, depois falar para um empresário da diáspora que vem de França ou dos EUA, como se fala para um empresário de Portugal não é bem a mesma coisa. Há empresários que não querem nenhum tipo de apoio, querem a desburocracia, não querem ser enganados no investimento.

Em 2018 foi aprovado um conjunto de alterações à lei eleitoral, dirigidas aos portugueses residentes no estrangeiro, permitindo um recenseamento automático, passando os cadernos eleitorais de poucas centenas de eleitores, para mais de um milhão de eleitores. Considera que as condições criadas acompanharam estas alterações legislativas, ou considera ser uma excelente autoestrada, mas impedida de se transitar? E em relação ao voto eletrónico que há muito que o defende. Qual é hoje a realidade nesta matéria?

O recenseamento eletrónico não é bem automático, ou seja, a pessoa não é recenseada automaticamente. Em 2018 quando surgiu uma discussão com o governo pretendíamos associar o voto por correspondência ao voto presencial. Se nas eleições presidenciais e europeias os imigrantes não podem votar por correspondência, e só podem votar para as eleições legislativas, isso limita o direito de voto. O Governo pretende fazer um teste de voto eletrónico online para as eleições do Conselho das Comunidades Portuguesas; eu espero que no país onde façam esse teste, que haja uma grande campanha de informação para que o voto eletrónico possa ser um sucesso.

Que grandes desafios e prioridades tem hoje na sua agenda em termos de políticas para as Comunidades Portuguesas, sobretudo, no espaço da Europa, tendo presente o seu desígnio de continuar a contribuir para a resolução dos problemas das pessoas?



© Joana Silva

Quero continuar a servir as comunidades portuguesas e defender temas fundamentais e fulcrais, como a afirmação das comunidades portuguesas nos países onde vivem e que vai mudando ao longo do tempo, procurar muito criar condições para que as nossas comunidades nos países onde residem se possam afirmar no plano político, depois também na parte cultural e empresarial que vem praticamente associada ao plano político.

Gostava de deixar uma mensagem e/ou uma saudação aos leitores da Descendências Magazine, tendo presente que o seu público são os portugueses espalhados pelo mundo?

Em primeiro lugar gostaria de enaltecer a revista porque trabalhar nesta área é das mais difíceis que há – o jornalismo. Desde logo o mérito por lançarem a revista. Em segundo lugar, a questão dos lusodescendentes é essencial porque são pessoas naturais de outros países, na maioria têm nacionalidades de outros países, mas têm aquela relação afetiva com Portugal que nós devemos explorar e po-

tenciar desde logo a relação bilateral com os países. Gostaria de dizer aos leitores que devo o meu percurso político ao meu partido, aos meus militantes, que se não fossem eles muitas políticas não tinham avançado e das quais me orgulho muito. Ser deputado eleito pelo Círculo da Emigração é extremamente gratificante, tanto mais que o meu país e o país dos leitores da Descendências são estes mesmos, uma realidade espalhada pelo mundo. É bom que em Portugal se perceba que o futuro e o desenvolvimento do país para que possa ter sucesso temos de contar com todos. Os emigrantes estão sempre dispostos ajudar Portugal sobretudo nos momentos de maior dificuldade. É uma mensagem de enorme gratidão. Eu devo o meu percurso político aos portugueses residentes no estrangeiro.

A Descendências Magazine agradece-lhe novamente por nos ter concedido esta entrevista.

Eu é que agradeço, foi um prazer.



| M I G R A Ç Õ E S

A promessa das terras lusas

Desde finais dos anos 80 que Portugal tem vindo a ter uma procura crescente por parte dos cidadãos do mundo que desejam estabelecer-se neste país, criando novas raízes, abrindo-se a novas oportunidades para si e para as suas famílias. Porém foi pouco antes do virar do milénio que o Direito dos Estrangeiros começou a criar me-

canismos mais eficientes e a ter em atenção mais detalhes no fundamento para as migrações. Fruto dos desenvolvimentos da legislatura nestas matérias, Portugal tornou-se um dos países com uma das mais das notáveis Leis dos Estrangeiros, tendo criado diferentes tipos de visto de residência (VR) que abrangem os vários propó-

sitos, que ao longo dos anos, motivaram cerca de dois milhões de cidadãos estrangeiros a fixarem residência em Portugal.

O ano de 2021 começou com várias promessas e sinais de esperança, com desenvolvimentos vários à escala global. Em todo o mundo temos assistido a acontecimentos que prometem

a perpetuação de muitas mudanças em diferentes áreas, que sugerem não apenas um regresso à normalidade que sempre conhecemos, mas para uma ainda melhor do que aquela que deixámos antes da pandemia. Do ponto de vista das migrações, estes acontecimentos do espectro político, social, económico e empresarial, ao contrário do que se verificou entre 2015 e 2019, têm feito surgir novos padrões que podem ser analisados de diferentes prismas – desde o impacto na sociedade e economia de Portugal, até ao desvelar daquilo que precisamos melhorar rapidamente para mantermos a preferência dos cidadãos do mundo.

Na Ei! Assessoria Migratória, desde o início deste ano que temos verificado um crescente número de pedidos de visto de residência de pessoas oriundas de países que já há muito têm virado o seu interesse para se estabelecerem em Portugal, mas que ao longo deste ano não param de crescer, em quantidade, a um ritmo surpreendente. Estados Unidos da América, Reino Unido, África do Sul, Índia e Israel, têm sido os prin-

cipais países que nos chegam, diariamente, como novos pedidos de visto. As motivações para cada um sair dos seus países de origem, variam de caso para caso, de nacionalidade para nacionalidade, mas as razões pelas quais optam pelo nosso país são, em quase todos os casos, as mesmas.

Chegado agora o Outono, face aos dados relativos ao estado da vacinação contra o Covid-19 em Portugal, considerando que mais de 80% da população já está com todas as tomas da vacina, acreditamos piamente que os resultados conseguidos pela Task Force do Plano de vacinação e restantes entidades públicas responsáveis pelo processo, se tornaram mais uma fator atrativo para quem lá fora procura uma nova vida em Portugal.

Claro está que os fatores de sempre – clima, gastronomia, cultura, segurança, qualidade de vida, estabilidade social e política, capacidade de retorno de investimentos, qualidade dos serviços e dos produtos nacionais, serviços de saúde e educação públicos – continuam a desempenhar o

papel principal no que diz respeito às grandes motivações quando se fala de migrar para o nosso país. Contudo, o que se pretende salientar, realmente, é o grau de eficiência, celeridade e capacidade de superar os obstáculos que foram surgindo pelo caminho, que conseguimos ter nesta jornada pela imunidade de grupo.

Uma vez mais Portugal destacou-se pela positiva neste combate contra a pandemia e deu que falar nos media internacionais pelas conquistas conseguidas. O ininterrupto crescimento de cidadãos estrangeiros com processos de visto e pedidos de autorização de residência pendentes são uma evidência do quão sexy Portugal está a ficar aos olhos de cada vez mais nacionalidades, que olham além das diferenças linguísticas e culturais, pondo outros valores acima de todo e qualquer eventual obstáculo.

Note-se que estes processos de visto de residência têm por base os pensionistas ou detentores de rendimentos próprios nos países de origem (vulgo visto D7).



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória



| CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Os Encontros das Comunidades do Cone Sul

Os Encontros das Comunidades Portuguesas e Lusodescendentes do Cone Sul foram idealizados pelo então Conselho Uruguaio do CCP, Luís Viriato Panasco e sua esposa Josefa Panasco (in memorian). O primeiro Encontro aconteceu no ano de 1987 no Centro Português 1º Dezembro de Pelotas na cidade Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul (Brasil) e assim a cada ano foram realizados intercalados no Uruguai, Argentina e Brasil (Estado do Rio Grande do Sul), que compõem o chamado CONE SUL do continente.

A ideia sempre foi e continua a ser, de reunir e agregar as Comunidades Portuguesas do Estado do Rio Grande do Sul (Brasil), Uruguai e Argentina. Encontros anuais que uma ou mais associações da região servem de locais para reunir o movimento associativo, num fim de semana no mês de outubro ou novembro.

Esses Encontros tem por finalidade resgatar as origens portuguesas e foi desde sempre um incentivo para criação de Grupos Folclóricos. A cada ano esses Grupos mostram

o folclore português das regiões do Minho, Douro Litoral, Nazaré, Ribatejo, Algarve, Açores, Madeira, etc.

O jogo de sueca também é um dos pontos principais, pois as duplas de cada associação presente disputam um torneio. Até meados dos anos 90, a dupla campeã ganhava duas passagens para Portugal oferecidas por uma companhia aérea portuguesa. Hoje infelizmente esse prêmio não existe mais, mas nem por isso quem disputa o torneio de sueca deixou de participar e abrilhantar o encontro.

À noite num jantar em que as Comunidades e associações se reúnem, há apresentações de Grupos Folclóricos e de músicas portuguesas, principalmente o fado. Neles também se homenageia uma pessoa que tenha contribuído com o seu trabalho para a realização dos Encontros ou para as Comunidades. Há alguns anos tínhamos a escolha da “Rainha do Encontro”, o que não ocorre nos dias de hoje.

Sempre tivemos a presença de autoridades portuguesas, como Secretários de Estado das Comunidades Portuguesas, Deputados da AR eleitos pelo Círculo fora da Europa e outras demais autoridades portuguesas, além das de cada local que realiza o Encontro. Em 1995 na Argentina tivemos a presença do então Presidente de Portugal, Dr. Mário Soares, e do atual Secretário Geral da ONU, Eng^o. António Guterres.

Em todos os Encontros das Comunidades Portuguesas e Lusodescendentes do Cone Sul são feitas apresentações individuais de cada associação, e depois são lançados debates com diversos temas: juventude, língua portuguesa, cultura, folclore, turismo, viver em Portugal etc.

O crescimento foi natural e outras atividades fazem parte dos Encontros, como a reunião entre os jovens que discutem temas entre si. Os jovens sempre foram um ponto importante, já que serão eles o futuro da Comunidade Portuguesa em cada associação e no desenvolvimento das suas atividades. O resultado de alguma maneira tem sido satisfatório, já que, muitos jovens hoje são líderes, ocupando cargos de direção e alguns presidindo às suas associações.

Em 2018, em Pelotas (Rio Grande do Sul) houve o 30º Encontro; na ocasião deliberou-se que em 2019 esse Encontro seria suspenso para que pudesse ser repensado e reinventado devido às distâncias e custos que tornam inviável, principalmente para a Comunidade portuguesa da Argentina, já que o país vive à algum tempo com problemas económicos. A nova ideia seria alterar a periodicidade para acontecer a cada dois anos.

Em 2020 esse Encontro era para acontecer na Casa de Portugal em Porto Alegre (Porto Alegre/Brasil), mas devido à pandemia da COVID-19 esse Encontro não foi possível, mas esperamos realizá-lo em 2022 e desta forma juntar as Comunidades e as associações do Estado do Rio Grande do Sul (Brasil), Uruguai e Argentina.

Tão logo passe este problema que atinge todos nós, haverá uma reunião para definir o próximo Encontro, com a certeza de que estaremos mais fortes, porque com a garra e determinação dos mais jovens levaremos adiante o sonho de todos os emigrantes e Lusodescendentes: a união das nossas Comunidades que muito lutam pela cultura e pelas tradições, com o orgulho da história e do futuro de Portugal e de ser portugueses.

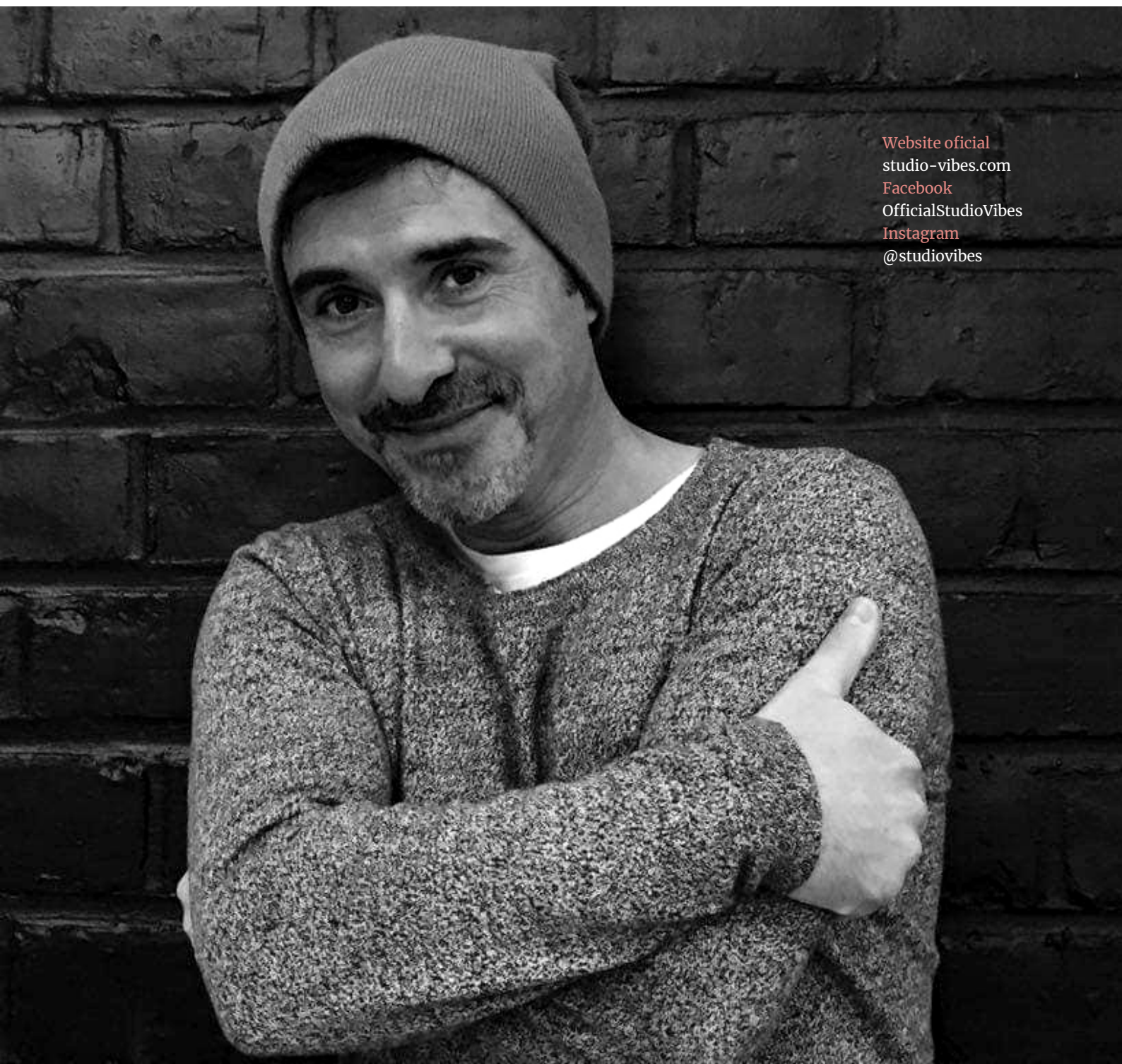


António Davide Santos da Graça
Conselheiro das Comunidades Portuguesas

| A R T E S E A R T I S T A S L U S O S

Jean Nunes

Website oficial
studio-vibes.com
Facebook
[OfficialStudioVibes](#)
Instagram
[@studiovibes](#)



Jean Nunes criou o Studio VIBES em 1998, uma escola dedicada exclusivamente à cultura urbana. Ao longo dos anos, organizaram workshops com professores vindos de diversos países para permitir que os alunos dançassem com os seus ídolos do Hip-Hop. Fizeram torneés em Nova York, Los Angeles, Miami, Brasil, Paris e três vezes em Lisboa. Hoje o Studio VIBES conta com 450 alunos inscritos por ano.

O que o levou a viver em Bruxelas?

Os meus pais emigraram para a Bélgica na década de 70 onde eu nasci, em Bruxelas. Quando fiz 1 ano tive que voltar para Portugal onde fiquei a viver com a minha avó até aos 4 anos. Quando a situação profissional dos meus pais melhorou, vieram buscar-me para viver em definitivo com eles em Bruxelas.

Como e quando nasceu a ligação à dança? Conte-nos um pouco do seu percurso profissional.

Desde muito pequeno que eu não gostava da escola e de estar sentado numa cadeira quieto. A minha mãe percebeu desde muito cedo que eu era atraído pelas artes, adorava cantar e repre-

sentar. Sentia-me bem a ouvir música e dançava o tempo todo em casamentos e festas portuguesas. No final dos meus anos de colégio, abandonei a escola 5 meses após a formatura porque, não era aquele o caminho que queria seguir. Durante 1 ano trabalhei no ramo da restauração, enquanto continuava a dançar com amigos e um coreógrafo muito famoso em Bruxelas que me ia dando alguns conselhos. Um dia, aluguei uma sala para treinar com o meu grupo da época, isto em 1994, e ao voltar lá os donos fizeram-me a proposta para ensinar no seu espaço, “American Gym” e foi aqui que comecei a poder viver da dança e ver esta minha paixão crescer até hoje. Éramos apenas 3 professores para lecionar nas academias oficiais de Bruxelas, porque o Hip-Hop não era muito conhecido.

Como nasceu o projeto da Studio Vibes? Porquê o Hip-Hop?

Foi em 1998 que tudo começou, porque eu procurava uma sala para ensaiar com o meu grupo e os

alguns jovens que nos seguiam. Basicamente, eu só queria criar um espaço de ensaio, mas tinha que pagar o aluguer e tive então a ideia de propor a 3 amigos para darem aulas na minha sala. Eu não tinha muito dinheiro e só podia dar algumas aulas





por semana pois só queria dar aulas de dança urbana para os alunos. Breakdance, popping Locking, street Jazz e aulas de Hip-Hop de rua. O primeiro ano foi muito difícil porque os pais tinham medo de inscrever os seus filhos, mas com o tempo perceberam que eles adoravam esse estilo de dança e rapidamente tornou-se muito popular em 2000. Comecei a ter mais alunos e inevitavelmente mais estilos e professores na equipa. Passamos de 7 aulas por semana para 18! Foi maravilhoso ver todos os nossos alunos a dançar Ragga, Afro Dance, Breakdance etc ... O Hip-Hop sempre me fascinou! Comecei a dançar Breakdance, mas era muito difícil e eu preferia danças com coreografias como Michael Jackson que é para mim uma grande referência na dança. No Hip-Hop tens que trabalhar muito para ter o teu próprio estilo.

Há quase 20 anos atrás inovaram ao iniciar a produção de eventos globais? Que serviços oferecem hoje em dia?

De 1998 até hoje, também criamos um grupo para representar o Studio Vibes e estivemos envolvidos em diversos projetos: Comerciais, shows, festas, já dançamos em mais de 500 eventos diferentes até hoje. Continuamos a oferecer estágios internacionais e novos cursos aos nossos alunos.



Qual foi o maior espetáculo que deram (em número de espectadores) e aquele que foi mais marcante para si e porquê?

Tivemos a oportunidade de ser os dançarinos oficiais do MONSTER JAM European Tour, de 2005 a 2009. Dançamos em lugares e estádios magníficos como Paris Bercy, Stade de Barcelona, Holanda, Zurique e até no LAS VEGAS para a final de 2009. A minha melhor experiência foi dançar no Cardiff Stadium (Inglaterra) para 45.000 pessoas.

No ano passado deu uma entrevista em que alertava para a situação dramática que viviam as escolas de dança. Receberam algum apoio do Estado? Como sobreviveram e qual o atual panorama das escolas de dança em geral.

Foi um período difícil para todos e ainda é relevante no momento, pelo menos no que respeita à Bélgica. Temos muitos talentos artísticos neste país, mas infelizmente não são reconhecidos pelo seu justo valor, porque os artistas ainda são vistos como uma profissão não essencial. Foi o que o Governo Belga declarou durante esta pandemia. Várias escolas de dança na Bélgica, (830 no total), não receberam qualquer ajuda financeira e tiveram que lutar para

lidar com isso. Quatorze escolas fecharam, porque não puderam aguentar mais. Hoje, muitas pessoas e principalmente os nossos jovens sofrem com esta situação, isolados e sem confiança na escolha do seu futuro. Esperamos que tudo melhore, mas no momento ainda é muito difícil o que estamos a viver na Bélgica.

Acha que é mais fácil ser artista na Bélgica do que em Portugal? Quais as principais diferenças que vê nos dois países no que respeita à cultura?

Portugal está mais aberto e oferece mais propostas e soluções aos seus artistas. Na Bélgica, já temos uma grande desigualdade causada por problemas linguísticos devido a existirem duas línguas no território - o flamengo (Flandres) e o francófono (Valónia-Bruxelas). Para ter sucesso, temos que ir para o exterior e depois voltar para a Bélgica, se tivermos vontade disso...

Quais são os seus projetos para 2022?

Não sei ainda porque neste momento com esta situação estamos a ter dificuldade em nos projetarmos no futuro ... Vamos ver, no momento presente vivo o dia a dia junto com a minha família.



Pensa regressar a Portugal?

Gostaria muito porque tenho saudades do meu país e acho que mudou muita coisa em Portugal. O nosso país é sublime e tenho muitas saudades do sol.

Qual é o seu maior sonho?

Morrer no palco. Seria um belo final e a melhor forma de deixar este mundo.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

A nossa atividade é das mais bonitas do mundo porque compartilhamos a nossa arte com amor e paixão.

Damos sempre o nosso melhor para que as pessoas sonhem e se tornem, por um momento, crianças. Sem guerra, apenas amor ... Força para todos.



Terry Costa

Presidente do Conselho Cultural da AILD

A M B I E N T E

Porque as árvores também se extinguem

Quando se fala em extinção de espécies, associamos esse facto, muitas vezes, apenas às espécies animais. Todavia, há dados recentes que referem que o risco de extinção das espécies de árvores se encontra num nível muito elevado, sendo mesmo o dobro, quando comparado com as espécies animais.

O relatório “State of the World’s Trees”, publicado há cerca de quatro semanas traz, à luz do conhecimento, dados preocupantes sobre a situação actual em que se encontram as diversas espécies de árvores no mundo. As conclusões não são animadoras, antes pelo contrário. Em

todo o mundo, cerca de um terço das espécies de árvores, encontram-se em risco de extinção e, algumas centenas, estão mesmo no limiar da existência. São cerca de 17.500 espécies próximas da extinção e cerca de 440 que já não chegam aos 50 exemplares vivos. Correspondem a cerca de 30% das 58.497 espécies de árvores conhecidas no mundo. O número mais elevado encontra-se no Brasil, onde 1.788 espécies se encontram em risco de extinção. Além das espécies mais ameaçadas na Amazónia (pitangas, mogno de folhas grandes, pau-rosa, entre outras), o relatório destaca, não só, algumas espécies endémicas do sudeste asiático, tais como os diepterocarpos e as magnólias, mas também, os ébanos, os bordos, as camélias, os áceres e, até

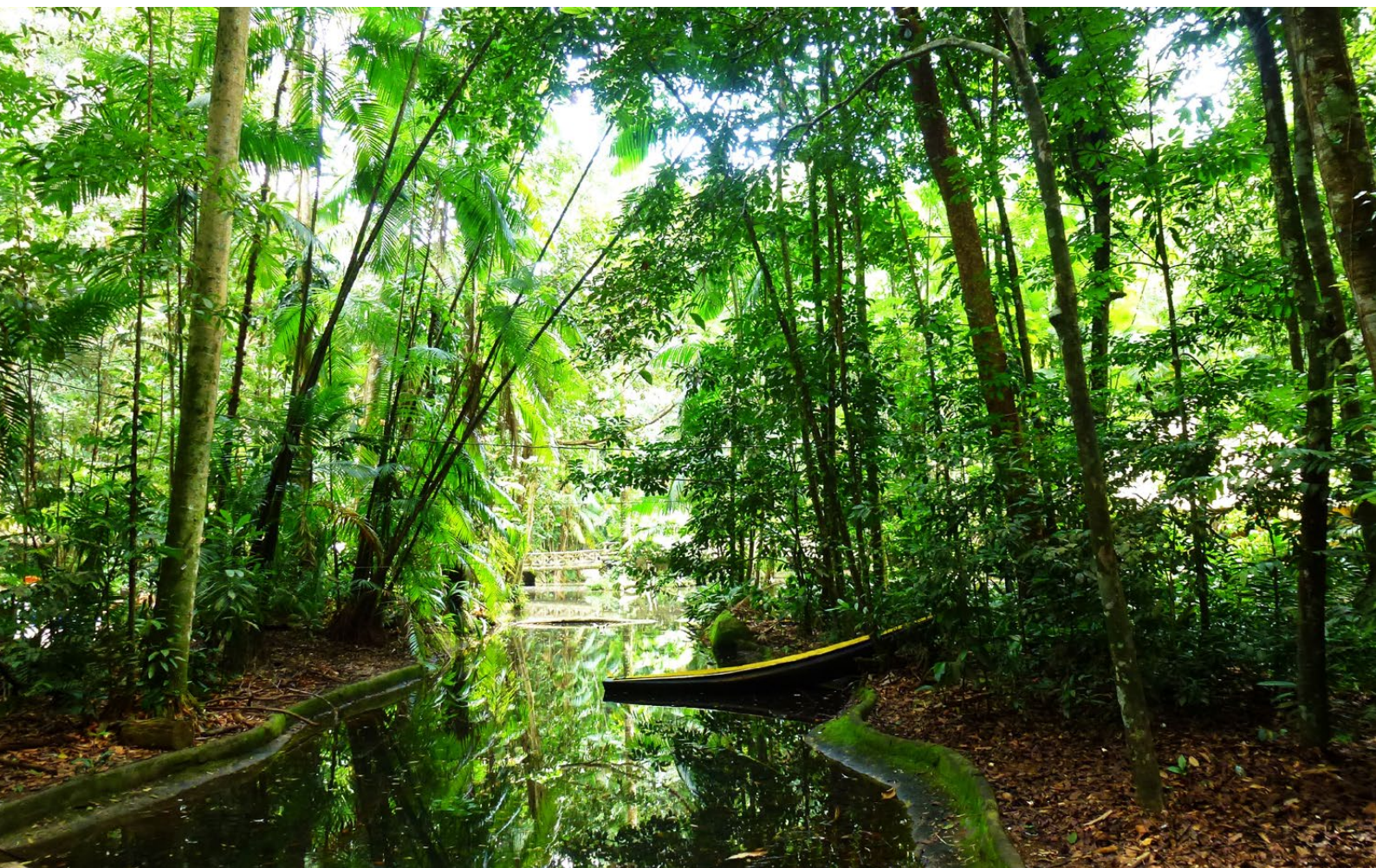
mesmo, os carvalhos.

Este relatório, desenvolvido ao longo dos últimos cinco anos, além de informar sobre o estado de conservação das espécies de árvores, pretende também funcionar como um grito de alerta sobre a necessidade urgente de se alterarem os paradigmas do consumismo e da conservação dos ecossistemas.

Como várias espécies desenvolvem relações de interdependência, a extinção de uma espécie poderá provocar danos irreparáveis noutras, não só nas vegetais, mas também nas animais.

Importa não esquecer o papel central desempenhado pelas árvores nos ecossistemas e a sua inquestionável impor-





tância no combate às alterações climáticas. Muitas espécies de insectos, mamíferos, pássaros e outros animais, dependem delas e, sem elas, teriam grande dificuldade de sobrevivência.

Entre as principais ameaças que as diversas espécies de árvores enfrentam, destacam-se: a agricultura, que, entre desmatamento para culturas (29%) e para a criação de gado (14%), ocupa o primeiro lugar, segue-se a exploração madeireira (27%), habitação e outros empreendimentos comerciais (13%), os fogos (13%) e a indústria mineira (9%). Além destas, também as plantações de eucaliptos (6%) e espécies invasoras (3%) dão a sua contribuição. A lista termina com as consequências decorrentes das alterações climáticas (4%).

De notar que, devido à subida dos mares (uma das consequências das alterações climáticas), cerca de 180 espécies de árvores estão ameaçadas, particularmente aquelas que se encontram em pequenas ilhas e não existem em mais nenhum lugar.

Em África, 40% das cerca de 9.000 espécies, encontram-se ameaçadas. Também na Europa, uma região do globo com pouca diversidade arbórea, se regista um decréscimo preocupante de espécies endémicas, nomeadamente, das sorveiras-bravas e dos carvalhos. Em Portugal, tal como em outros locais do planeta, várias pragas e doenças estão a provocar graves danos a muitas árvores. Além do carvalho, o mocano (que já foi declarado extinto nas Caná-



rias), o cedro-da-madeira, o buxo-da-rocha, o loureiro-de-portugal e o marmulano, todos endémicos da Madeira e presentes na Floresta Laurissilva, são os que apresentam um estatuto de conservação mais crítico. Das mais de 100 espécies de árvores identificadas no território português, cerca de 9 estão ameaçadas.

Apesar dos dados preocupantes deste estudo, o mesmo ressalva que, até aos dias de hoje, apenas 31 espécies de árvores se encontram definitivamente extintas, valor que corresponde a cerca de 0,1% de todas as espécies de árvores conhecidas a nível mundial. Ao longo dos últimos 300 anos assistiu-se a um decréscimo das florestas em cerca de 40%, a nível mundial. Em 29 países as perdas florestais foram na ordem dos 90%.

Este relatório veio dar um contributo preciosíssimo para o conhecimento do estado de conservação das espécies arbóreas a nível mundial, pois identifica com clareza, quais são as espécies, onde se encontram e porque estão ameaçadas. A gestão florestal é complexa, se por um lado as populações precisam gerar rendimentos provenientes das florestas, por outro, estas precisam ser protegidas. É esse equilíbrio que precisa ser encontrado e, para que tal aconteça, serão necessários mecanismos globais para dar resposta a um problema, também ele, global.



Vitor Afonso
Mestre em TIC

O espelho

*Esse que em mim envelhece
assomou ao espelho
a tentar mostrar que sou eu.*

*Os outros de mim,
fingindo desconhecer a imagem,
deixaram-me a sós, perplexo,
com meu súbito reflexo.*

*A idade é isto: o peso da luz
com que nos vemos.*

Mia Couto



© José Frade

LITERATURA PORTUGUESA

Legado de Pessoa

em Casa renovada

A Casa Fernando Pessoa fica na Rua Coelho da Rocha, em Campo de Ourique, em Lisboa. Foi criada em 1993, por decisão municipal. É um edifício de três andares e Pessoa habitou o primeiro andar direito, durante 15 anos. Para aqui se mudou em 1920 e aqui viveu até ao fim da vida.

Hoje – depois de obras de remodelação que terminaram em agosto de 2020 – a Casa está aberta aos visitantes com uma nova exposição de longa duração sobre Pessoa, uma biblioteca mais estruturada e um auditório mais equipado.

Nos quase 30 anos que passaram desde a inauguração da Casa Fernando Pessoa muito mudou em diferentes campos

relacionados com a nossa atividade: na relação do público com os museus; nas dinâmicas do turismo cultural e literário; no conhecimento sobre Fernando Pessoa; no entendimento sobre inclusão e mediação. Na cidade, na comunidade.

A Casa renovada reabriu há cerca de um ano: as alterações decorrentes das obras, a nova museografia e os novos programas que fazemos em relação com a exposição podem agora ser conhecidos plenamente, com a garantia das necessárias condições de segurança.

Na atual exposição, os espaços estão organizados a partir de



© José Frade

três grandes temas: no Piso 3, Pessoa-escriitor com foco na heteronímia; no Piso 2, Pessoa-leitor perante a sua Biblioteca Particular; no Piso 1, falamos do homem que Pessoa foi, no espaço em que se reconstitui a planta da casa para onde veio morar há cem anos.

A primeira peça que os visitantes encontram, no Piso 3, é uma pequena e delicada agenda de aniversários de Madalena Nogueira, mãe de Pessoa. Um “Birthday Floral Book”: para cada dia do ano, a ilustração de uma flor e um

excerto de um poema de diferentes poetas ingleses. Aqui anotam-se nomes de familiares e amigos. Entre esses nomes, encontramos em caligrafia hesitante o primeiro registo escrito conhecido de Pessoa, aos 5-6 anos. Escreve “Chevalier de Pas”: o nome daquele que vem a identificar como o seu primeiro heterónimo. No piso 2 está a Biblioteca Particular de Pessoa, a coleção mais valiosa da Casa: os livros que leu e que recebeu de amigos, alguns deles repletos de notas à margem. Os interesses de



© José Frade

leitura de Pessoa não se restringem à literatura, há também livros de ciências, matemática, religião, desporto e filosofia, em diferentes línguas. Esta biblioteca está digitalizada há mais de dez anos, página por página, e pode ser acedida através do site da Casa. As relações entre leitura e escrita são muitas vezes tema de programas que promovemos, destacando a figura de Pessoa como leitor e devolvendo ao tempo de hoje a discussão sobre o poder da literatura e os efeitos transformadores da leitura.

Chegados ao Piso 1, o do Apartamento, os visitantes vão encontrar as peças mais diretamente relacionadas com a biografia de Pessoa: infância, mudança para África do Sul e a sua relação com a língua inglesa, o regresso a Lisboa e o encontro com companheiros de vanguarda, a correspondência trocada, as aventuras editoriais, as revistas literárias, o que deixou publicado e o tanto que deixou por publicar. A última peça da exposição vai fechar o arco de vida e escrita que se tinha iniciado no terceiro andar: ao chegar ao fim da visita, encontramos a última frase que escreveu na véspera da sua morte, em

inglês, a lápis, no topo de uma página de resto em branco: “I know not what tomorrow will bring” [Não sei o que o amanhã trará].

Estes factos e histórias sobre a vida e a obra de Pessoa são contados a partir de uma grande variedade de peças: livros, manuscritos, periódicos, mobiliário original, obras de arte, objetos pessoais e de trabalho usados por Pessoa e pelos seus familiares. A coleção vai-se transformando e reatualizando, seja através de incorporações, de substituição de peças para garantir o seu necessário repouso ou porque se ativam, na mediação, novas leituras sobre as peças expostas e as relações entre elas.

Os textos de parede e legendas foram escritos com linguagem clara, procurando que comunicassem com pessoas com diferentes graus de conhecimento sobre Pessoa, poesia e literatura. Escrevemo-los a várias mãos e revimo-los muitas vezes até encontrarmos boas soluções para eliminar o acessório sem que, no entanto, a simplificação da linguagem conduzissem à simplificação das histórias que queríamos contar.



© José Frade

No que respeita à acessibilidade física, os espaços públicos da Casa são acessíveis a pessoas com mobilidade reduzida, foi colocado piso podotátil nas áreas de circulação pública e há legendas braille e reproduções táteis na exposição. São programadas visitas com audiodescrição, conjuntamente para público com e sem deficiência visual. São também feitas visitas com interpretação em Língua Gestual Portuguesa. Público Surdo e ouvinte junta-se nestas visitas à exposição, onde há vídeos legendados e interpretados em LGP.

Fazemos diariamente visitas orientadas em português e, através de marcação, podemos fazê-las também em inglês, francês, espanhol e alemão.

O projeto de remodelação da Casa beneficiou da Linha de Apoio ao Turismo Acessível do Turismo de Portugal. O projeto de arquitetura é da autoria de José Adrião Arquitectos, o de museografia foi feito pelos designers Nuno Quá e Cláudio Silva em conjunto com a direção da Casa, a partir de uma proposta de curadoria de Paulo Pires do Vale. Ana Carvalho foi a museóloga responsável pela apreciação do projeto de museografia. A Acesso Cultura foi consultora em matéria de acessibilidades.



Clara Riso

Diretora da Casa Fernando Pessoa desde 2014

| SAÚDE E BEM ESTAR

A hipnose

e as formas de lidar com os transtornos de ansiedade e ataques de pânico



A ansiedade é caracterizada por um conjunto transtornos mentais constituídos por sentimentos significativos e incontroláveis que causam stress e medo, de modo que as funções sociais, ocupacionais e pessoais são bastante prejudicadas. A ansiedade é uma preocupação com eventos futuros, é um não estar a viver o momento.

A ansiedade ocasional é normal (ex: ter de fazer uma apresentação em

publico, é normal sentir ansiedade). Mas o transtorno de ansiedade generalizada (TAG) é caracterizado pela ansiedade excessiva e preocupação exagerada com os eventos da vida cotidiana sem motivos aparentes. Pessoas com sintomas de transtorno de ansiedade generalizada tendem sempre a esperar um desastre e estão sempre extremamente preocupadas com saúde, dinheiro, família, traba-

lho ou escola. A ansiedade excessiva pode fazer com que haja uma estratégia de evitamento (evitar o trabalho, a escola, as reuniões familiares e outras situações).

Tipos de transtornos de ansiedade

O transtorno de ansiedade para ser identificado é necessário apresentar três ou mais sintomas da lista abaixo:

- Preocupações e medos excessivos;
- Visão irreal de problemas; Inquieta-

ção ou sensação de estar sempre “nervoso”; Irritabilidade; Tensão muscular; Dores de cabeça; Sudorese; Dificuldade em manter a concentração; Náuseas ou ardor no estômago; Necessidade de ir à casa de banho com frequência; Fadiga e sensação de cansaço constante; Dificuldade em dormir ou manter-se acordado; Surgimento de tremores e espasmos; Ficar facilmente assustado.

Existem vários tipos de transtornos de ansiedade:

- Ataque de pânico. Surge de um medo repentino e intenso que provoca um ataque de pânico. Durante um ataque de pânico, existem vários sintomas que podem surgir começar a suar, a ter dor no peito e o batimento cardíaco acelerado (palpitações). Às vezes, pode surgir a sensação de começar a sufocar ou mesmo de estar a ter um ataque cardíaco.

- Transtorno de ansiedade social. Também chamada de fobia social, quando ocorre uma preocupação avassaladora e uma autoconsciência sobre as situações sociais quotidianas. Preocupação intensa, sendo mesmo obsessiva, com o que os outros pensam/julgam acerca da pessoa ou mesmo a possibilidade de ser envergonhado ou ridicularizado.

- Nas fobias específicas. Irá ocorrer um medo intenso de um objeto ou situação específica, como alturas ou voar. O medo vai além do que é apropriado e

pode fazer com que haja uma estratégia de evitamento de situações comuns.

Formas da hipnose lidar com a ansiedade ou ataques de pânico

Através da hipnose poder-se-á colocar o paciente em contacto com os elementos que causam ansiedade, mas de uma forma controlada, pois o paciente não necessita de se deslocar para a situação “real” que lhe possa causar ansiedade. O que é feito em conjunto com o paciente e com a sua imaginação, é através da indução hipnótica fazer com que tenha acesso ao seu inconsciente onde todas as situações que provocaram ansiedade anteriormente estão gravadas, com isso vamos poder transportar o indivíduo para as emoções, imagens e pensamentos que ele têm associados à ansiedade. Dessensibilizando-o dos estímulos que lhe causam stress. Enquanto o paciente sempre em controlo da situação, pois basta abrir os seus olhos e está de volta à segurança do consultório.

Ferramentas para diminuir a ansiedade

- Começar por ter um diário, o seu amigo invisível, para a libertação da mente de todos os pensamentos, emoções, tensões...

- Concentrar-se na respiração todos os dias 1 a 2 minutos. Simplesmente encontrar um lugar onde possa estar calmamente a relaxar na posição que lhe trazer maior conforto. Começar

por inspirar profundamente (colocando a língua no céu da boca) contar até 3 e depois expirar libertando tudo o que possa estar a mais dentro de si, poderá imaginar um fumo negro que o liberta de todos os sentimentos, emoções, pensamentos, fazendo com que se sinta mais leve.

- Criar uma lista de tudo o que têm para fazer durante o seu próximo dia, preferencialmente à noite. Esta lista deverá ter todas as tarefas, desde as que são feitas em casa até aquelas que são desenvolvidas no trabalho. Depois de fazer cada uma das tarefas deve riscá-las para dar ao seu cérebro o prémio por ter acabado cada tarefa.

Estas listas têm como propósito libertar o seu cérebro do que está por fazer, diminuindo assim o consumo de energia cerebral em cada decisão que toma, tornando mais eficaz o seu dia a dia. Vivendo o momento.

- Pensar em 3 coisas do seu dia que foram positivas, de modo a mudar o foco do seu cérebro para o lado positivo. Que podem ser desde as coisas mais simples como ter acordado de manhã com vontade de começar o dia cheio de energia, ter água na torneira, um sorriso especial do seu filho, o ter alcançado um objectivo...

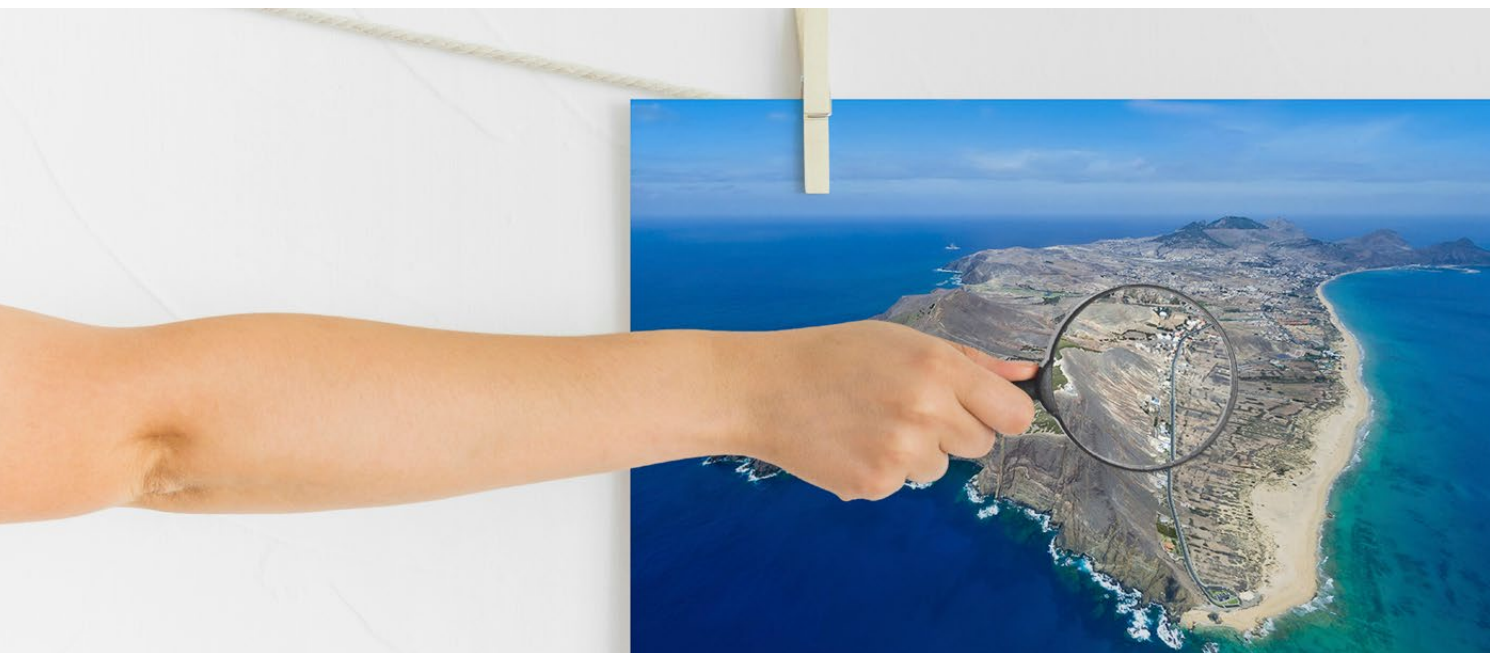
- Caminhar todos os dias cerca de 30 minutos, como uma forma de ativar a ligação entre o corpo e mente.



Pedro Bandos
Psicólogo/Hipnoterapeuta

| COM LUPA: CÁ DENTRO

À descoberta das Reservas da Biosfera



Antes de fazermos a nossa visita a mais um espaço português, será importante perguntar ao leitor: Já ouviu falar nas Reservas da Biosfera? Pois é, que aqui em Portugal, já temos 12! Mas afinal o que são?

“As reservas da biosfera são locais de aprendizagem para o desenvolvimento sustentável. São locais para testar abordagens interdisciplinares para entender e gerenciar mudanças e interações entre sistemas sociais e ecológicos, incluindo prevenção de conflitos e gestão da biodiversidade. São lugares que fornecem soluções locais para os desafios globais.”

UNESCO



As Reservas da Biosfera são constituídas por três zonas/áreas: Áreas de núcleo; Zonas tampão e Zonas de transição. Começando pelas Zonas de núcleo, estas dedicam-se à conservação das paisagens, das espécies e dos ecossistemas. Passando às Zonas tampão, estas caracterizam-se por atividades ecológicas práticas que permitam um reforço à pesquisa, monitorização, estudo e educação científica. Por fim, as Áreas de transição, abrangem as atividades humanas e a economia que devem prezar pela sustentabilidade.

Onde podem ser encontradas em Portugal?

Em Portugal contemplam-se atualmente 12 Reservas, sendo estas: Paul do Boquilobo (a primeira, em 1981), Corvo – Açores (2007), Graciosa – Açores (2007), Flores – Açores (2009), Transfronteiriça do Gerês – Xurés

(Portugal/Espanha) (2009), Berlengas – Peniche (2011), Santana – Madeira (2011), Transfronteiriça Meseta Ibérica (Portugal/Espanha) (2015), Fajãs de S. Jorge – Açores (2016), Transfronteiriça Tejo/Tajo Internacional (Portugal/Espanha) (2016), Castro Verde (2017) e Porto Santo – Madeira (2021).

A Ilha Dourada

Viajamos agora até à mais recente Reserva, para descobrir os seus encantos: a Reserva da Biosfera de Porto Santo.

A mais pequena ilha habitada do arquipélago da Madeira, situada no oceano Atlântico, no extremo sudoeste europeu, Porto Santo, é um verdadeiro espaço de tranquilidade, onde pode encontrar praias únicas de areia fina e dourada, daí ser apelidada por muitos de “Ilha Dourada”.

E não se preocupe com as temperaturas, porque em Porto Santo não existe uma grande variação ao longo dos 12 meses, mantendo-se assim ameno todo o ano, o que convida sem dúvida a um belo passeio pelo extenso areal ou a um mergulho nas águas cristalinas. Além disso, as areias da ilha são conhecidas pelos seus poderes medicinais, por isso não perca a oportunidade, mais ou menos por volta da hora de almoço, quando a areia estiver quente, cubra-se com esta e relaxe. Outra recomendação para a sua visita é um passeio de barco pela ilha, já que esta é sem dúvida uma excelente forma de conhecer todos os seus recantos e deslumbrar incríveis paisagens! Se preferir contemplar as vistas a partir de terra, existem inúmeros miradouros como o da Portela e o do Pico Castelo. Quanto aos petiscos e às bebidas, nas praias de Porto Santo existem bastantes esplanadas que pode experimentar, por exemplo o bolo do caco típico da região, acompanhado de um bom vinho, sumo ou sangria.

Casa Colombo – Museu do Porto Santo

Se já desfrutou da serenidade das praias e se deslumbrou

com o encantamento das paisagens, um bom espaço para visitar é a antiga casa de Cristóvão Colombo (navegador genovês), que atualmente é um museu.

Divide-se em dois andares: o rés-do-chão, no qual se encontra uma loja e uma sala de exposições temporárias que apontam à temática da expansão marítima portuguesa e o primeiro andar dividido em quatro salas temáticas. Na primeira sala, dedicada à Expansão Portuguesa, apresenta-se, no contexto da expansão marítima, a posição estratégica da ilha de Porto Santo e do arquipélago da Madeira. Na segunda sala encontra-se por exemplo uma biografia de Cristóvão Colombo, apontamentos de referência às suas viagens ao continente africano e elementos relacionados com a importância da coroa espanhola na expansão mundial. Já a terceira e quarta salas dedicam-se ao império colonial holandês.

Rei da Poncha

Sem dúvida que não pode ir embora de Porto Santo sem visitar o Rei da Poncha! O bar tem disponível refeições para almoço, bebidas com álcool, mesas ao ar livre, serviço de





mesa (com um staff muito simpático) e wi-fi gratuito. E, claro: a melhor poncha da Madeira! Nós recomendamos desde já a de tangerina! O atendimento é rápido e os preços são acessíveis, por isso não deixe de visitar e experimentar a bebida mais emblemática da Madeira.

Se entretanto ficou interessado no papel das Reservas da Biosfera, e gostava de saber mais como é que a de Porto Santo se tornou Reserva, todas as iniciativas e projetos que têm em curso, assim como o seu património, a fauna e a flora, entre outros aspetos, visite a página: <https://portosantobiosfera.madeira.gov.pt/pt/>

Ah e uma pequena curiosidade! Chama-se Porto San-

to, porque serviu como um “porto seguro”. O problema está que nunca se chegou a um consenso de onde provém esse refúgio, e, por isso, existem 2 teorias para explicar o “nascimento” do nome: a primeira é a de que em 1418 João Gonçalves Zarco e os seus companheiros, apelidaram a ilha desta forma por causa de uma tempestade, mostrando assim a sua gratidão; a segunda (comprovada historicamente) é de que na Baixa Idade Média, uma embarcação tinha aqui encontrado refúgio para uma tormenta. Em todo o caso, seja com a primeira seja com a segunda teoria, todas elas nos mostram que o que explica esta designação é a paz e a proteção que esta ilha conseguiu proporcionar.



Fatinha Pinheiro
Geógrafa

| COM LUPA: LÁ FORA

Xangai

China - Xangai – A Paris do Oriente



Atravessamos os continentes Europeu e Asiático rumo à denominada “Paris do Oriente”. Temos como destino a imponente e cosmopolita cidade de Xangai, a maior cidade da República Popular da China que se caracteriza pela sua extensa área metropolitana, capaz de esgrimir argumentos com Nova York ou Tóquio. Localizada na costa central da China Oriental, a cidade de Xangai beneficia de condições geográficas únicas. O rio Huangpu atravessa a cidade e transfigura a região num delta de solo fértil. A posição central da cidade, perante o imenso mar da China, transformou-a ao longo da sua história até ao presente, como um dos maiores portos comerciais do mundo.

Os primeiros registos de Xangai remontam aos anos 960 d.C., no qual esta atual vila piscatória sob o domínio da dinastia de Song, vê reconhecido no ano de 1074 o estatuto de “cidade-mercado”. Nos séculos subsequentes, a importância da cidade cresceu atingindo o estado de condado, administrado de forma independente. Ao longo da história da cidade destacam-se alguns marcos importantes: em 1554 teve início a construção de uma muralha circundante à cidade, por forma a conferir protecção dos constantes saques perpetuados por piratas japoneses. No ano de 1602, sob a vigência do imperador Wanli, teve início a construção do denominado Templo da Cidade dos Deuses – Shànghǎi Chénghuángmìào ou Jar-

dim Yu, que visou as comemorações da elevação da cidade a município.

O século XIX fica marcado pelo conflito denominado como Guerra Anglo-Chinesa, igualmente conhecida como a Guerra do Ópio. A coroa Britânica controlava o mercado asiático, importando sedas, chá, porcelana entre outras mercadorias para terras de sua majestade. Existia uma forte pressão da Coroa em escoar Ópio produzido na Índia, todavia o império Chinês decretou a sua proibição devido aos nefastos problemas que esta droga, causava na população. Com o fim da Guerra do Ópio, o comércio na região floresceu, sob alguma condescendência por parte da China. O império chinês permitiu abertura das suas cidades e o estabelecimento de várias delegações comerciais que no caso de Shanghai a tornaram no maior porto mercantil asiático. Após este período próspero, seguiu-se a invasão e controlo japonês, sendo que esta ocupação perdurou até à rendição do Japão às mãos das tropas aliadas. No período seguinte, e devido à implementação do partido Comunista, diversas empresas estrangeiras, num acto de receio optaram por mudar os seus escritórios para

Hong-Kong, o que de certa forma resultou numa retração de investimento estrangeiro e desenvolvimento de Xangai.

Retomando a nossa viagem, a chegada a Xangai maioritariamente de voos internacionais é efetuada através do maior aeroporto da China, o Aeroporto Internacional de Pudong, que registava pré-pandemia um fluxo anual de 18 milhões de passageiros. A cidade de Xangai situa-se a 30 km do aeroporto, o que na prática se traduz numa viagem de 7 minutos e 20 segundos. Este aeroporto é dotado do primeiro e mais famoso dos comboios de alta velocidade, nomeadamente o Maglev, falamos de um verdadeiro hino à engenharia, um comboio em monocarril que circula a uns estonteantes 421 km/h. O término da linha de alta velocidade acontece na estação de Longyang-Road, caracterizada por permitir a interconexão com o sistema de metro da cidade. Recordo a primeira frase que proferi “Onde estou eu?”, a primeira impressão da cidade é ambígua para o visitante. A maioria dos viajantes espera uma cidade repleta de casas de madeira retiradas dos melhores filmes americanos, não que estas não existam, todavia estamos perante uma cidade moderna. As primeiras imagens





de Xangai revelam uma cidade desenvolvida nas margens do rio e repleta de arranha céus cuja iluminação de diversas cores transforma completamente a cidade.

Bund – Wàitān

Recompostos da viagem e sob efeitos ainda do Jet-Lag, iniciamos a nossa visita ao coração da cidade, mais concretamente ao distrito conhecido como o Bund. Este destaca-se por uma avenida ao longo do rio Hangpu repleta de construções ao estilo anglo-franco, que refletem a presença de Ingleses e Franceses e atribuem o nome à cidade de “Paris do Oriente”. A marginal do Bund permite uma breve caminhada a pé, e fotografar amplamente o centro financeiro da cidade com os seus imponentes arranha-céus. Através da avenida principal do Bund, chegamos à comercial rua de Fuzhou Road, onde as centenas de lojas e as luzes fluorescentes saltam à vista dos visitantes. Aproveite para visitar e caso seja esse o propósito aqui será o melhor lugar para realizar compras.

Praça do Povo – Museu Arte Xangai

Para trás deixamos a movimentada Fuzhou road, no seu término encontramos o jardim e praça do povo. Deparamo-nos com uma zona jardinada ampla, repleta de estátuas e flores coloridas. A presença da soberania faz-se sentir, não fosse esta praça repleta de Bandeiras da República da China. Embrenhamos pelo interior dos jardins e reparamos num edifício moderno, o museu de arte chinesa antiga. A visita ao

museu de arte de Xangai é recomendada, e no seu interior, podemos observar um conjunto de esculturas, pinturas, selos, documentação antiga, trajes e objetos do quotidiano da antiguidade ligado a atividades agrícolas e piscatórias.

Nas imediações da praça do povo, e caso disponha de tempo, poderá visitar a sala de concertos e o teatro de Xangai, apesar de se tratarem de edifícios de construção moderna, os seus traços arquitetónicos são realmente impressionantes.

Shanghai Tower

Retorne ao Bund e atravesse o rio Huangpu através do túnel, sim é verdade, ao melhor estilo Chinês existe um túnel com veículos monocarril que atravessa o rio até ao distrito financeiro de Pudong. A viagem é curta e o destino é o imponente arranha-céus conhecido como Shanghai Tower. Este edifício construído entre 1995-1998 destaca-se como um projeto inovador, uma espécie de torção da fachada. Falamos do edifício mais alto (632 metros) da China e um dos mais altos do mundo sendo à data da construção apenas superado pelo Burj Khalifa dos Emirados Árabes Unidos.

Recomendo uma visita ao último piso, especialmente ao fim-de-semana visto que a poluição poderá condicionar a perspetiva, e delicie-se com a vista.

Torre Pérola Oriental – TV Tower

A torre pérola também conhecida como torre televisiva, é de uma construção ímpar. Este edifício é de uma estética icónica



ca e inconfundível. Construída em 1995, a torre destaca-se pelas cinco esferas todas ligadas através de colunas. Os seus imponentes 468 metros são albergue para uma unidade hoteleira, restaurante rotativo e um centro de observação. Este monumento de arquitetura moderna recebe cerca de 3 milhões de visitantes ao ano e continua a transmitir sinais de rádio e televisão.

Nas imediações da torre pérola, encontra-se o Oceanário de Xangai, repleto de aquários atravessados por túneis transparentes no qual o visitante se imiscui.

Jardins Yuyuan – YuYuan Garden

Os jardins Yuyuan representam um verdadeiro oásis na cidade de Xangai. Criado na vigência da dinastia Ming no século 15 por um funcionário estatal, este jardim consiste numa área de 2 hectares, repleto de lagos com carpas, pontes, bambu, flores e templos que perduraram até aos dias de hoje.

Inserido na parte antiga da cidade este é local para fotos incríveis e cenários idílicos. Absorva a natureza que o rodeia e

visite os diferentes edifícios. Recomendo que inicie a sua visita pela denominada porta Taoista e Templo Cidade dos Deuses, rodeado de água e com pequenas embarcações a remos, transporta-nos ao passado deste grande Império. Destaco ainda o pavilhão denominado por “Three Ears of Corn” onde o visitante poderá observar esculturas que retratam o dia-a-dia agrícola sob a forma de tributo.

Este será o local mais visitado da cidade pelo que recomendo uma visita no período da manhã. Anexo ao jardim encontram-se vários templos repletos de locais que realizam oferendas aos deuses taoistas. Nas imediações existe um mercado local, repleto de pequenos restaurantes e lojas de recordações. Aqui poderá provar o famoso pato de Pequim, embora o aspeto e a forma como é vendido poderá não ser a mais apelativa, mas acredite que é uma verdadeira iguaria dos deuses.

Xangai a “Paris do Oriente”, a cidade que o viajante estranha e depois entranha.



João Costa

Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia



| SABORES LUSOS EM ESTADO LÍQUIDO

O pecado original

e as mulheres no mundo dos vinhos

O maior golpe do crescimento da humanidade é saltar de extremo em extremo. O cinzento enjoa, gosto de cores vivas. Mas, em muitos aspectos, é fundamental assegurar o médio termo e a razoabilidade, evitando extremar posições. No centro está sempre a virtude – diz-se muitas vezes. Mas a prática é outra. Os polos antagonizam-se e cativam adeptos fervorosos. Às vezes, adeptos absolutamente irracionais, que perdem o sentido de tudo. A ideologia de gênero enquadra-se neste desenho. Partimos de uma época em que as mulheres eram desvalorizadas e submetidas à “superior” vontade masculina, mas chegamos a uma fase da História em que as

mulheres têm direitos sociais apenas por serem mulheres – uma outra forma de desvalorizar as mulheres, claro. Mais encapotada e escondida por valores que advogam a sua defesa, mas ignoram o mérito. Um contrasenso, portanto.

Ao longo dos tempos, a inteligência foi sendo atribuída aos homens e a sensibilidade emotiva às mulheres. Afinal de contas, o pecado original foi cometido por Eva, que não cedeu à tentação demoníaca; e que – astuciosamente – convenceu Adão a seguir o caminho que escolheu. A imagem tem sido utilizada para minimizar as mulheres (curiosas, teimosas, ardilosas) e para advertir os homens (que devem

saber escolher o rumo, num perfil racional, sem interferências externas). No cristianismo, Maria Madalena, por exemplo, apesar de todos os vícios, foi perdoada e santificada, reservando lugar na História como uma das maiores seguidoras de Jesus. A sua humildade foi recompensada por uma posição primordial, tendo assistido à ressurreição de Cristo e à sua primeira aparição. Inúmeros autores indicam um fenómeno esquecido nos dias que correm: a origem do cristianismo revela uma paridade fraterna entre homens e mulheres. E o imaginário cristão está repleto de figuras femininas associadas à virtude e à bondade. Cristo chegou à Terra através do ven-

tre de Maria, pura, intocada, Mãe dedicada. Mas o filho de Deus encarnou a figura de um homem. E os Doze Apóstolos eram homens. As contradições sucedem-se, mas revelam que existiu sempre uma certa supremacia masculina. Podia ser diferente?

O instinto de sobrevivência é imanente a todos os seres vivos. E há ainda muito de hominídeo na memória genética da raça humana. Quem concebe a vida é o homem e a mulher, juntos. Quem guarda a criança no ventre é a mulher. Quem cuida das crianças e prepara os alimentos é a mulher. Quem assegura as condições de consumo dos alimentos é a mulher. Quem protege dos perigos externos é o homem. Biologicamente, as mulheres e os homens desenvolveram capacidades diferentes, complementares. As mulheres possuem um olfacto mais desenvolvido, naturalmente capaz de detectar amargor (presente nos alimentos deteriorados) e aromas que só com muito estudo os homens conseguem acompanhar. Os homens têm um perímetro de visão mais largo e detectam movimentos à distância sem qualquer esforço inerente, ficando alerta. Nenhum dos géneros é melhor do que o outro. Ambos são fundamentais para a sobrevivência. Mas numa sociedade bélica, na caça e num período recente em que a agricultura proporciona alimentos suficientes, é fundamental proteger o território. E aí o homem ganha uma utilidade sem par. Hoje, é diferente. As empresas (como a sociedade) estão a transformar a sua filosofia. A territorialidade perde campo de acção. A justiça, a inteligência emocional e a sensibilidade ocupam um espaço crescente. E as mulheres têm naturalmente as armas que a sociedade exige para colocar os valores dominantes em prática. É impossível, por isso, que as mulheres continuem com um papel subalterno. E ainda bem: sou tendencialmente feminista e so-

bretudo a favor do equilíbrio e da justiça entre os Homens. O mundo dos vinhos tem sido dominado pelo lado masculino. Entre gestores de topo e enólogos, os homens têm vindo a ocupar as principais posições no sector. Mas também aqui as transformações sucedem-se. Dona Antónia Adelaide Ferreira – figura máxima do Douro – e a baronesa de Rothschild, uma das mais importantes personalidades mundiais do vinho, foram abrindo caminho, como exemplos, a uma organização tendencialmente paritária (apesar dos atrasos).

Suportada por estudos científicos, está a garantia de que as mulheres têm mais células olfactivas no cérebro do que os homens – o que facilita a percepção dos aromas do vinho em provas sensoriais. E o que invalida uma concepção enraizada de que os vinhos mais fáceis, mais doces e mais aromáticos têm o perfil das mulheres. O que sucede é que na curva de aprendizagem, quem começa a experimentar vinhos prefere-os com essas características. E, hoje, há mais mulheres do que nunca a iniciar o ciclo de aprendizagem na prova de vinhos.

Por fim, há um outro factor que está a transformar o mundo dos vinhos: empresas lideradas por homens têm desenhado a oferta de vinhos a pensar no público masculino, ignorando que no mercado há mais mulheres a comprar vinho do que homens. E se muitas mulheres estão numa fase inicial de aprendizagem (o que pode transformar a oferta), também há estudos de acordo com os quais o design das garrafas, a prescrição e a recomendação têm mais influência no mundo feminino do que no masculino.

Os homens são diferentes das mulheres. As mulheres estão a ganhar peso social e influência nos mercados. E por isso está na hora de mudar paradigmas. Com bom senso, com paridade, com justiça e equilíbrio.



Pedro Guerreiro
Gestor

| SABORES LUSOS EM ESTADO SÓLIDO

As Estrelas Michelin



*O Guia Michelin está presente em 26 países e 4 continentes.
É considerado a 'Bíblia' da gastronomia mundial*

O Guia Michelin foi criado, em 1900, pelos irmãos Édouard e André Michelin. O guia funcionava como estratégia de marketing para incentivar as pessoas a viajar de carro, “desgastando assim mais pneus”, fazendo com que as suas vendas aumentassem. O guia foi evoluindo e hoje é dedicado a avaliar restaurantes de luxo.

A classificação é dividida de uma a três estrelas:

1 estrela: Muito boa cozinha. Proposta forte. Vale a pena parar para comer lá.

2 estrelas: Cozinha excepcional. Se o restaurante não estiver na sua rota, vale a pena fazer um desvio para apreciar os seus pratos.

3 estrelas: A categoria mais elevada é atribuída a restaurantes com uma proposta única. Só comer lá vale toda a viagem, independentemente da distância a que se encontra da sua localização actual.

Perder uma estrela pode significar a falência do restaurante, já o inverso significa ser colocado no mapa da gastro-



nomia mundial com aumentos significativos nas receitas. O Guia Michelin conta com uma equipa de inspetores em cada país. Habitualmente são pessoas formadas na área de gastronomia ou de hotelaria, mas com uma especialização em ambas as áreas. A análise de cada restaurante é feita de forma anónima, para que tenham uma experiência como qualquer outro cliente e possam analisar os principais critérios:

- Qualidade dos ingredientes;
- Combinação de sabores;
- Técnica de preparação;
- Criatividade e personalidade do Chef;
- Custo/benefício;
- Consistência do padrão culinário.

A cada um destes critérios é dado uma nota de 1 a 5, sendo 5 a nota mais alta.

Sempre que um restaurante está na iminência de ganhar uma estrela, a Michelin chega a enviar até oito inspetores, em períodos diferentes, para se certificar da qualidade do serviço e das avaliações anteriores feitas. Não é um processo simples.

Foi por isso com muito orgulho e satisfação que este ano vi o *Essência* ser reconhecido com uma Estrela o que vem provar que com dedicação, trabalho e muito esforço conseguimos atingir os nossos sonhos.

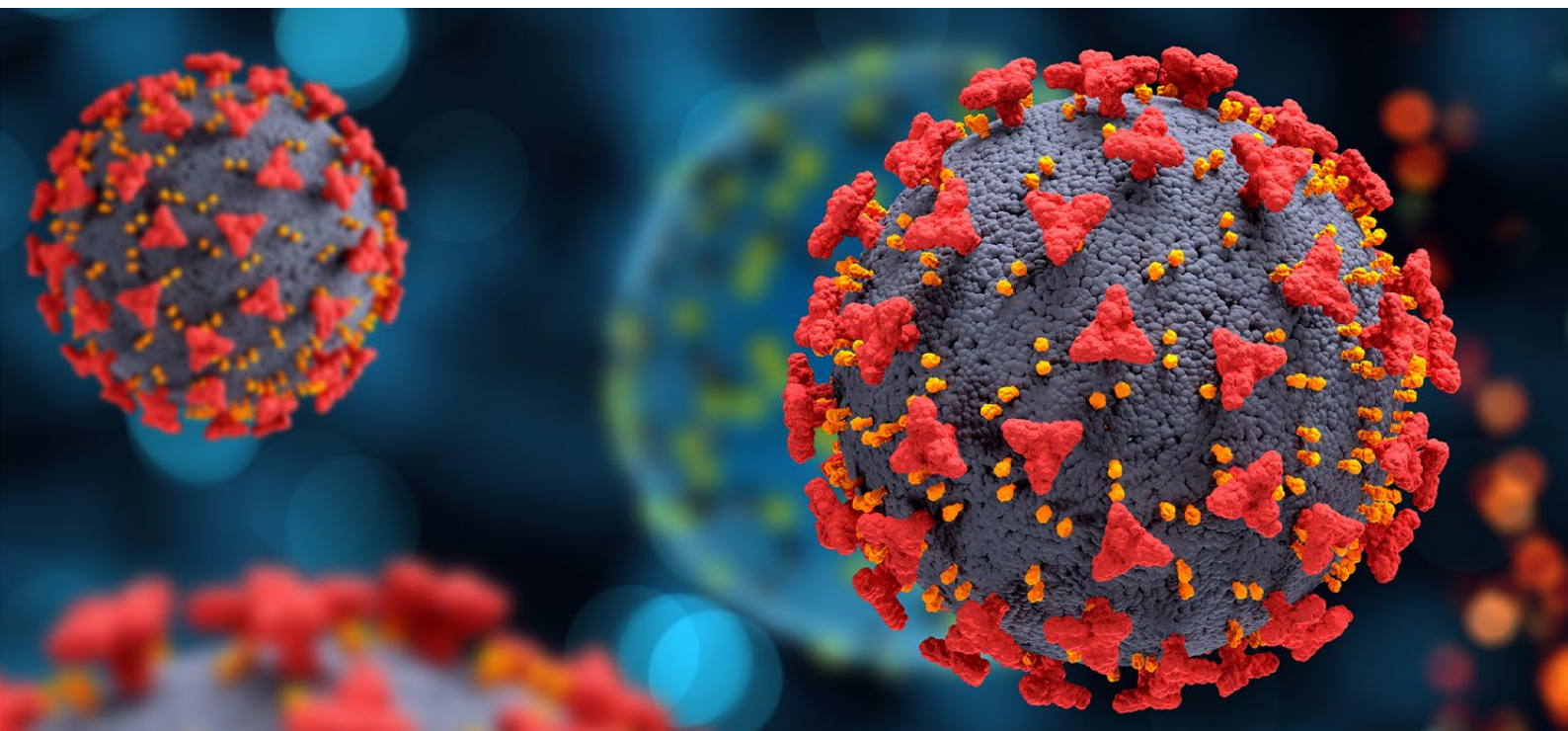
Espero pela vossa visita!



Tiago Sabarigo
Chef Essência Restaurant/ Budapest

| FALAR PORTUGUÊS

Qual é a origem da palavra «vírus»?

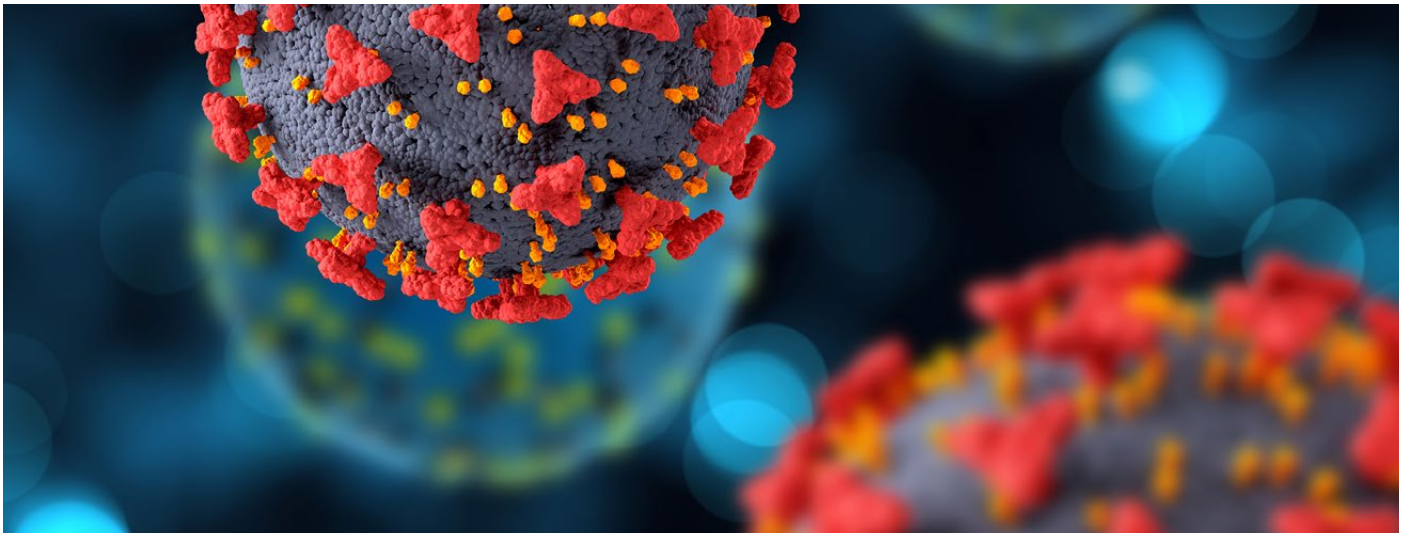


A palavra «vírus», que infectou as nossas notícias e as nossas preocupações de há umas semanas para cá, tem uma história curiosa: vem do velhinho latim, mas, para chegar aos dias de hoje, passou pela cabeça dum holandês. Ah, e ainda andou nas mãos de Eça...

Às vezes, uma resposta verdadeira esconde tanta coisa que quase parece mentira. É o que acontece quando dizemos que a palavrinha «vírus» tem origem latina. É verdade que tem — mas há muito mais a dizer. Afinal, não se pode dizer que tenha vindo, direitinha, do latim até ao português como, por exemplo, a palavra «lua». A «luna» latina veio

pelos séculos fora, perdendo o «n» a certa altura, chegando aos nossos lábios sem grandes sobressaltos — o que se compreende, pois a Lua, essa, continuou, todas as noites, a acompanhar-nos as vidas. Ora, não aconteceu nada de semelhante com a palavra «vírus». Não veio directamente do latim ao português. Teve uma história bem mais agitada.

Por alturas do Império Romano, «virus» designava um veneno ou um líquido fétido de origem animal. Teria ainda outros significados, mas não estariam muito distantes dessas pouco recomendáveis acepções.



A palavra existia em latim — língua que se veio a desfazer em muitas outras línguas, uma das quais o nosso belo português. Herdámos muitas palavrinhas, bem trucidadas pelos falantes ao longo dos séculos, como sempre aconteceu e sempre acontecerá, mas deixámos para trás muitas outras, enquanto inventávamos, importávamos, misturávamos e recuperávamos outras quantas. Uma das palavras que se tornaram raríssimas até desaparecerem da boca dos falantes, com a excepção daqueles que aprendiam o velho latim clássico, foi mesmo o tal «vírus» enquanto veneno.

Entretanto, a História da Humanidade continuou a pular e a avançar. Já o latim se tinha transformado noutras línguas havia uns bons séculos, quando descobrimos, por fim, que muitas doenças eram provocadas por germes. Hoje, é difícil imaginar um tempo em que não se sabia tal coisa — mas a descoberta não é assim tão antiga (data do século XIX).

No início, descobrimos as bactérias, pequenas células, quase todas inócuas ou mesmo benéficas, mas que incluem no seu clube uns quantos membros com inclinação para arreliar (ou mesmo matar) seres humanos. No final do século XIX, um cientista holandês de nome Martinus Beijerinck descobriu que algumas doenças eram transmitidas por qualquer coisa ainda mais pequena que as bactérias. Para se referir a estes micróbios (que estão na fronteira entre os seres vivos

e os seres não-vivos, pois só sobrevivem usando uma célula de algum ser vivo), Martinus lá foi abrir o velhinho dicionário latino e encontrou a palavra «virus». Decidiu baptizar os pequeníssimos germes com esse velho nome latino. Foi assim que surgiu a palavra actual: um holandês electrizou com um sentido novo o corpo de uma palavra antiga, fazendo surgir um novo e útil vocábulo.

A partir do seu surgimento nos artigos do holandês, a palavra voou até muitas das línguas humanas com o sentido preciso que lhe deu o cientista — e está hoje nas bocas do mundo, por causa do novo coronavírus que nos tem preocupado.

Mas por que razão escolheu Martinus este termo? Bem, algum termo tinha de escolher. Há, no entanto, uma parte da história que também é importante contar e talvez explique a escolha do cientista: se os falantes de latim e, depois, das línguas que dele descenderam foram perdendo a palavra, preferindo outras para designar um veneno, um pouco mais para norte, na Inglaterra, houve quem recuperasse, ali no final do século XIV, o velhinho «virus». Tornou-se uma palavra inglesa... No século XVIII, acabou por ganhar o sentido mais particular de «agente que provoca doenças». Com esse sentido, lá começou a espalhar-se, devagarinho, pelas línguas europeias. Surge já no nosso Eça, n'Os Maias (na ortografia original):

Os colegas diziam que o Maia, rico, inteligente, avido de inovações, de modernismos, fazia sobre os doentes experiências fataes. Tinha-se troçado muito a sua idéa, apresentada na Gazeta Medica, a prevenção das epidemias pela inoculação dos virus. Consideravam-no um phantasista. E elle, então, re-fugiava-se todo n'esse livro sobre a medicina antiga e moderna, o seu livro, trabalhado com vagares d'artista rico, tornando-se o interesse intellectual de um ou dous annos.

A palavra já andava a rondar a cabeça de quem estudava medicina. Torna-se, assim, mais fácil compreender o motivo por que Martinus escolheu esta palavra para designar este tipo de germe. Mas não nos enganemos: foi a escolha do cientista que levou à explosão do uso desta palavra, com o significado muito preciso que tem hoje. Aliás, tivesse ele escolhido outra palavra e aquele termo d'Os Maias seria, provavelmente, uma palavra da medicina da época, muito difficil de compreender para os leitores de hoje em dia (e a verdade é que lemos o excerto e nem notamos que o sentido da palavra actual é mais restrito que o sentido que Eça lhe dava).

Em suma... A velha palavra latina, que também já tinha vindo de outras paragens, perdeu-se entre os falantes de línguas latinas, mas foi recuperada pelos ingleses, que lhe deram um pequeno sopro de vida, com um novo significado. Mais tarde, reapareceu, forte e triunfante, pelas mãos de um holandês, que lhe moldou o sentido de forma precisa e a espalhou pelas línguas do mundo inteiro. Que belas histórias

têm as palavras — pelo menos, o que conhecemos, pois há uma parte muito importante do percurso dos nossos vocábulos que se faz pela oralidade.

Diga-se, ainda, que a história da palavra «vírus» não acabou na cabeça do holandês. Depois de reinventada para dar nome a um novo tipo de germe, veio a ganhar novos sentidos. Hoje, um vírus pode ser também um programa de computador que se propaga com intuito de danificar, de alguma forma, as máquinas onde se aloja. Esta mutação da palavra «vírus» surgiu no inglês e infectou as outras línguas a partir dos anos 70. Depois, como tantas e tantas outras palavras, «vírus» também ganhou usos metafóricos: há ideias que são como vírus, como bem sabemos. Armada em adjectivo, a palavra continuou a cavalgar: há doenças virais, há imagens virais, há notícias virais... Há até irritações virais.

As palavras surgem de muitas maneiras: algumas perdem-se no princípio dos tempos, surgidas no calor das interacções diárias entre falantes. Outras são inventadas ou reinventadas por alguém em particular, como é o caso da palavra «vírus» com o significado de germe mais pequeno que uma bactéria. Estas invenções e reinvenções fazem-se todos os dias. Uma grande parte desaparece sem deixar rasto — mas algumas palavras caem no gotto dos falantes, espalham-se, burilam-se, tornam-se úteis, passam a fazer parte das línguas.

As palavras são — e esta imagem era quase inevitável... — uma espécie de vírus a contagiar os cérebros dos falantes. Só que, neste caso, até gostamos.



Marco Neves

Universidade Nova de Lisboa



AILD
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL
DOS LUSODESCENDENTES

**OFERTA FORMATIVA
À SUA MEDIDA**

**FORMAÇÃO MODULAR
CERTIFICADA**
Frequência gratuita
Formação Online/Presencial

ATIVOS EMPREGADOS
Por conta própria
Por conta de outrem

Certificado de habilitações
Subsídio de alimentação

Visite o nosso site em aild.pt e inscreva-se já

Contactos
info@aild.pt
+351 939 082 261
Rua Latino Coelho 87
1050-134 Lisboa
aild.pt

Co-financiado por:

 **POISE**
Programa Operacional de Intervenção Social

 **PORTUGAL
2020**
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

 **UNião Europeia**
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

 **ProfiForma**
Qualificação e Potencial Humano

| **LEGAL**

A obtenção de nacionalidade por via da ascendência Portuguesa

info@abreuadvogados.com

<https://abreuadvogados.com>



Portugal é, historicamente, um país de emigrantes. Contudo, o fenómeno inverso passou também a fazer parte da nossa realidade: Portugal tornou-se um país de imigrantes. Nesse contexto, têm a vida facilitada os cidadãos com ascendência Portuguesa que podem, por essa via, obter esta nacionalidade. A Lei da Nacionalidade Portuguesa permite a obtenção de nacionalidade por duas vias: (i) atribuição e (ii) aquisição.

A atribuição da nacionalidade opera de forma originária, i.e., os seus efeitos retroagem à data do nascimento do Requeren-

te, independentemente da idade em que é obtida. Atribuída a nacionalidade, o cidadão considera-se Português de origem. Atualmente, a atribuição da nacionalidade é possível, p.e., para quem prove ser descendente de Português originário (filho ou neto), para quem tenha nascido em território Português em determinadas circunstâncias, etc....

Já a aquisição da nacionalidade Portuguesa sucede por via de um determinado acontecimento, que, aliado ao cumprimento dos demais requisitos legais, permite a obtenção da naciona-

lidade Portuguesa. Não existe aqui nenhuma relação hereditária com um cidadão Português. A aquisição da nacionalidade derivada, ou por efeito de vontade, produz efeitos a partir do momento em que é lavrado o seu registo. Entre as formas mais comuns de aquisição de nacionalidade estão (i) o casamento ou a união de facto com cidadão Português, e (ii) a naturalização dos cidadãos estrangeiros, maiores, que tenham residido legalmente em Portugal nos últimos cinco anos, etc...

Debrucemo-nos aqui sobre os cidadãos descendentes de cidadãos Portugueses – filhos ou netos.

Os pré-requisitos são, (só) aparentemente, simples: é necessário provar a relação de parentesco com o nacional Português. Esta prova é efetuada pela apresentação das respetivas certidões de nascimento, quer do(s) ascendente(s), quer do Requerente da nacionalidade (a par do seu documento de identificação) para que se consiga provar a descendência invocada.

Ainda no âmbito dos requisitos gerais, o neto de cidadão Português deve, entre outras formalidades, possuir efetiva ligação à comunidade nacional. Esta questão controversa encontrou, finalmente, concretização nas últimas alterações à Lei da Nacionalidade. Desde a sua última reforma, entende-se por provada a ligação à comunidade nacional se o Requerente da nacionalidade demonstrar conhecer suficientemente a língua portuguesa. Desta forma, balizou-se o requisito da ligação à comunidade nacional, dependendo este, atualmente, de fatores objetivos. Esta reforma facilitou, ainda, a obtenção da nacionalidade para os Requerentes que tenham nascido em paí-

ses de língua oficial Portuguesa, considerando que, para estes, se estabeleceu como que uma presunção legal automática de ligação à comunidade nacional.

Porém, não poucas vezes, outras circunstâncias impedem ou dificultam a obtenção da nacionalidade. Um bom exemplo é a obrigatoriedade de se manter atualizado, em Portugal, todo o registo relativo ao cidadão Português, através da transcrição de todos os atos ocorridos no estrangeiro a ele respeitantes. A ausência de atualização dos registos Portugueses é mais comum do que se possa pensar e, por isso, pode o Requerente da nacionalidade deparar-se com vários obstáculos, sendo um deles, p.e., o facto de o casamento dos seus pais ou os seus avós (cidadãos portugueses) não estar devidamente transcrito para o registo civil Português.

Outras situações costumeiras, como a discrepância no nome do cidadão Português nos diferentes documentos que instruem o pedido de nacionalidade, p.e., certidões de nascimento e de casamento, ou a obrigatoriedade de provar que a filiação relativamente ao progenitor, não declarante no nascimento do Requerente, foi regularmente estabelecida durante a menoridade, constituem também frequentes obstáculos nos pedidos de nacionalidade apresentados com o fundamento na ascendência Portuguesa.

Pelos motivos referidos, cada documento deve ser analisado cuidadosamente, e o processo de obtenção de nacionalidade deve ser, sempre que possível, acompanhado por um profissional especializado nesta matéria.



Neide Duarte Pereira
Abreu Advogados

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO

Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.



Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

DIREITO FISCAL

Autenticação de atos e documentos

por videoconferência em portugal: uma ferramenta inovadora

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>

Foi aprovado no passado dia 22 de julho de 2021, em Conselho de Ministros, um diploma que estabelece um regime jurídico novo aplicável à realização, através de videoconferência, de atos autênticos, de termos de autenticação de documentos particulares e de reconhecimento. Este diploma surge no contexto da pandemia provocada pelo vírus SARS-COV 2 e com vista a superar as dificuldades provocadas pelas restrições impostas à prática dos atos presenciais e inerentes à procura de serviços online.

O diploma em apreço cria uma inovadora ferramenta de prestação de serviços para cidadãos, empresas e profissionais, dispensando a presença, física, dos intervenientes perante os Conservadores e oficiais de registo, os Notários, os agentes consulares portugueses e os advogados ou solicitadores. Antevê-se um impacto considerável no mundo jurídico com respeito às formalidades exigidas para a prática de atos jurídicos, sem prejuízo das garan-

tias de segurança e de autenticidade necessárias.

À semelhança do que se verificou na fase experimental da concretização desta nova plataforma informática, a realização de atos autênticos, de termos de autenticação de documentos particulares e de reconhecimento por videoconferência incluirá diversos atos, como o reconhecimento da assinatura ou a autenticação de documentos particulares, entre outros. Contudo, esta inovadora ferramenta não prevê abranger todos e quaisquer atos de autenticação, ficando os Conservadores e os oficiais de registo excluídos de realizar, por esta via, o reconhecimento de testamentos e atos a estes respeitantes, ficando, assim, exclusivamente habilitados a realizar, através de videoconferência, os atos relacionados com o balcão “Casa Pronta”, o processo de separação ou divórcio por mútuo consentimento e a habilitação de herdeiros com ou sem registos.

A realização destes atos passará a

ser realizada através da nova plataforma informática, onde existirá uma área reservada, através da qual será possível, aos intervenientes e aos profissionais, submeter e aceder à documentação necessária, assinar tais documentos através de assinatura eletrónica qualificada, aceder às sessões de videoconferência e prestar consentimento para a gravação audiovisual, com acesso através do cartão de cidadão ou da chave móvel digital e por outros meios de identificação eletrónica emitidos noutros Estados Membros pertencentes à União Europeia e que sejam reconhecidos para o efeito.

Este é um regime inovador e que coloca uma relevante ferramenta de prestação de serviços públicos, com elevado impacto no comércio jurídico, à disposição de cidadãos, empresas e profissionais, sem prescindir, no entanto, da observância das formalidades legalmente impostas para a prática dos atos, oferecendo garantias de segurança e autenticidade.



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

| FISCAL

Lar doce Lar

Quando vivemos e trabalhamos fora de Portugal, na maioria das vezes deixamos para trás uma habitação.

No momento em que passamos mais de 183 dias noutro país que não Portugal, esse passa a ser considerado a nossa residência fiscal, e consequentemente temos de ter o cuidado de cumprir com todos os formalismos legais em Portugal, relacionados com essa alteração, já que também a nossa casa em Portugal, deixa de ser a nossa habitação permanente.

Em todo o caso, continuamos a ser o seu proprietário, e em Portugal todo proprietário de uma habitação à data de 31 de dezembro, no ano seguinte é responsável pelo pagamento do Imposto Municipal sobre Imóveis (IMI).

Por exemplo, o IMI de 2021 é pago em 2022.

Consoante o valor atribuído ao imóvel, o IMI pode ser pago em duas ou três prestações. Caso sejam duas prestações, deverão ser pagas uma em maio e outra em novembro, caso sejam três prestações, deverão ser pagas uma em maio, outra em agosto e outra em novembro.

Para proprietários detentores de imó-

veis que no seu total ultrapassem os 600.000 euros, deverá ser pago até 30 de setembro, o Adicional Imposto Municipal sobre Imóveis (AIMI) sobre o excedente, no entanto, a lei prevê uma dedução ao valor total dos imóveis variável tendo em conta a condição do sujeito passivo, assim no caso das:

Pessoas singulares com tributação separada: 600 000 euros;

Cônjuges ou unidos de facto com tributação conjunta: 1 200 000 euros;

Heranças indivisas: 600 000 euros;

Chamo a atenção que os proprietários com dívidas fiscais não beneficiam das deduções ao AIMI, ou seja, pagam imposto sobre o valor total.

De referir ainda que o valor base de cálculo do IMI e do AIMI não é o valor da escritura... mas sim o seu Valor Patrimonial Tributário que consta nas finanças...

No momento, que tomamos a decisão de vender a nossa casa em Portugal, o facto de termos ou não residência em Portugal, e de a habitação ser ou não permanente, assume uma importância decisiva no tratamento fiscal da mais valia, resultante da sua venda, embora existam outras variáveis com impacto

fiscal, como por exemplo, o ano em que ela foi adquirida.

Independentemente do país da nossa residência fiscal, a venda de uma casa, dará sempre origem a apresentação de uma declaração de IRS, de forma a comunicar esse acontecimento às Autoridades Fiscais Portuguesas, independentemente de existirem ou não, mais valias.

No caso dessa habitação corresponder à habitação permanente, e de se investir numa outra habitação dentro do espaço Comunitário, existe a possibilidade de evitar o pagamento de imposto sobre as mais valias. Por essa razão, pode ser pertinente vender a habitação, caso se preveja, mudar a residência permanentemente para outro país comunitário.

O valor resultante da venda da habitação, é aceite como reinvestimento numa nova habitação permanente, caso a nova habitação tenha sido adquirida 24 meses antes da venda ou 36 meses após a venda.

Ficaram aqui um pequeno apontamento sobre este tema, é natural que possam substituir dúvidas, não hesite em falar com um contabilista certificado pelo sim pelo não.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Quando falham certos detalhes tudo se torna inútil.
info@amostradeletras.pt

OFEREÇA UM MELHOR FUTURO À SUA FAMÍLIA EM PORTUGAL

+351 217 960 436

GERAL@EIMIGRANTE.PT

@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO